



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

KELIANE LACHIETTI VIEIRA DE MELO

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CONTRIBUIÇÃO DA
PRÁTICA DOCENTE NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

JOÃO PESSOA – PB

2020

KELIANE LACHIETTI VIEIRA DE MELO

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CONTRIBUIÇÃO DA
PRÁTICA DOCENTE NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Campus I, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Marlene Helena de Oliveira França

JOÃO PESSOA – PB

2020

M528c Melo, Keliane Lachietti Vieira de.

Contação de histórias na Educação Infantil: a
contribuição da prática docente na formação de leitores
/ Keliane Lachietti Vieira de Melo. - João Pessoa,
2020.

75 f. : il.

Orientação: Marlene Helena de Oliveira França.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Contação de Histórias. 2. Educação Infantil. 3.
Prática Docente. I. França, Marlene Helena de Oliveira.
II. Título.

UFPB/BC

KELIANE LACHIETTI VIEIRA DE MELO,

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A
CONTRIBUIÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

Monografia aprovada em: 06 de Abril de 2020

Banca Examinadora



Prof.ª Dr.ª Marlene Helena de Oliveira França (Orientadora)
Departamento de Habilitação Pedagógica/CE - UFPB



Prof.ª Dr.ª Ana Célia Silva Menezes (Avaliadora)
Departamento de Habilitação Pedagógica /CE - UFPB



Prof.ª Dr.ª Maira Lewtchuk Espindola (Avaliadora)
Departamento de Habilitação Pedagógica/CE - UFPB

Dedico este trabalho a todos que acreditaram na minha capacidade, família, amigos e docentes, responsáveis pela minha formação pessoal e profissional.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo e todos, agradeço a Deus por ter me abençoado em cada etapa da minha trajetória acadêmica, por ter me dado força, coragem e sabedoria para enfrentar e vencer os diversos desafios que foram encontrados no meio do caminho e por ter me tornado forte para que eu nunca ousasse desistir.

A minha mãe, Luzimar por ter acreditado e cuidado tão bem de mim nos momentos de aflições com os estudos. Ao meu pai, Gilberto que nunca me deixou faltar nada e sonhou junto comigo pela formação em Pedagogia.

Aos meus irmãos, Kércia, Kellen e Kevin que sempre me incentivaram a dedicar-me de corpo e alma aos estudos.

As minhas amigas de curso, Bárbara, Isabelle, Pâmella e Priscila que desde o início me passaram força, esperança, fidelidade e união, embarcaram comigo em oportunidades, compartilharam alegrias, tristezas e recomeços. E, a minha amiga de longas datas, Roberta, por todo incentivo e carinho para comigo.

Ao meu incrível namorado, Douglas que foi minha pessoa favorita, me ensinou a ter paciência, paz, fé e coragem, e acreditou de olhos fechados na minha capacidade. Obrigada por ter dito inúmeras vezes: você consegue!

A todos os amigos, familiares e professores que torceram por mim.

A minha querida orientadora, Marlene por ter aceitado caminhar comigo e a está ao meu lado, auxiliando e partilhando conhecimentos em um dos momentos mais importantes da minha vida.

Em especial, agradecer a todos da banca examinadora pela colaboração e leitura do meu trabalho e por fazerem parte da realização do meu sonho.

“Ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo.”

(Fanny Abramovich)

MELO, Keliane Lachietti Veira de. **Contação de Histórias na Educação Infantil: a contribuição da prática docente na formação de leitores**. Monografia. Universidade Federal da Paraíba. CE, 2020.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo principal compreender a importância da contação de histórias na Educação Infantil, por meio da contribuição da prática docente, enquanto um dos elementos responsáveis pelas práticas sociais de leitura no ambiente escolar. Sendo assim, a temática investigada surgiu a partir dos contatos iniciais e das observações realizadas nas turmas da Educação Infantil na Escola de Educação Básica (EEBAS), localizada no Município de João Pessoa/PB, por intermédio do Programa Residência Pedagógica (RP), de modo que a partir destas experiências foram criadas as seguintes hipóteses: As docentes podem não possuir o conhecimento sobre a pertinência da contação de histórias na formação leitora das crianças, por esta razão a ação é pouco executada; Tendo em vista a falta de compreensão sobre a narrativa oral, as professoras desconhecem as técnicas sugeridas para chamar a atenção das crianças, antes, durante e após a história. A fim de investigar essas questões, decidimos desenvolver a pesquisa com as professoras das turmas de Educação Infantil III, IV e V da EEBAS, instituição esta que provocou a escolha pela temática. Para o percurso metodológico, elegeu-se a pesquisa de campo, de cunho qualitativo, mediante a aplicação de questionários semiestruturados e observações descritivas. Buscamos apoio teórico nos estudos de Abramovich (2008), Fonseca (2012), Dohme (2000), Lajolo e Zilberman (2007), entre outros autores e documentos que contribuíram na fundamentação teórica do trabalho. Por meio da análise dos instrumentos aplicados, constatamos que as hipóteses "caíram por terra", tendo em vista que foi verificado que as docentes da educação infantil compreendem a contação de histórias como uma atividade lúdica capaz de formar leitores, assim como executam em suas práticas momentos dedicados a leitura, utilizando metodologias e técnicas específicas que tornam a narrativa dinâmica e atrativa.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Educação Infantil. Prática Docente

MELO, Keliane Lachietti Vieira de. **Storytelling in Early Childhood Education: the contribution of the teaching practice in the training of readers.** Monograph. Federal University of Paraíba, CE, 2020.

ABSTRACT

The present work had as main objective to understand the importance of storytelling in Early Childhood Education, through the contribution of teaching practice, as one of the elements responsible for the social practices of reading in the school environment. Thus, the theme investigated arose from the initial contacts and observations made in the Early Childhood Education classes at the Basic Education School - EEBAS, located in the city of João Pessoa / PB, through the Pedagogical Residency Program (RP), from these experiences the following hypotheses were created: Teachers may not have the knowledge about the relevance of storytelling in the reading training of children, for this reason the action is little performed; In view of the lack of understanding of the oral narrative, the teachers are unaware of the techniques suggested to draw the children's attention, before, during and after the story. In order to investigate these issues, we decided to develop the research with the teachers of the Early Childhood Education classes III, IV and V of EEBAS, an institution that provoked the choice for the theme. For the methodological path, field research, of a qualitative nature, was chosen through the application of semi-structured questionnaires and descriptive observations. We seek theoretical support in the studies of Abramovich (2008), Fonseca (2012), Dohme (2000), Lajolo and Zilberman (2007), among other authors and documents that contributed to the theoretical foundation of the work. Through the analysis of the instruments applied, we found that the hypotheses "fell to the ground", considering that it was found that the teachers of early childhood understand storytelling as a playful activity capable of training readers as well as performing in their practical moments dedicated to reading, using specific methods and techniques that make the narrative easy and attractive.

Keywords: Storytelling. Early Childhood Education. Teaching Practice.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Questionário.....	49
Figura 2: Escolha do livro pela Docente A (1ª observação).....	53
Figura 3: Escolha do livro pela Docente A (2ª observação).....	54
Figura 4: Escolha da história pela Docente B (2ª observação).....	56
Figura 5: Escolha do livro pela Docente C (1ª observação).....	57
Figura 6: Escolha do livro pela Docente C (2ª observação).....	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Sugestões para o cumprimento da contação de histórias	38
Quadro 2: Elementos primordiais para a narrativa oral	38
Quadro 3: Turmas: Educação Infantil e Fundamental I	43
Quadro 4: Perfis das participantes	48
Quadro 5: Momentos da narrativa	59
Quadro 6: Pergunta presente no questionário acerca dos recursos lúdicos	61
Quadro 7: Pergunta presente no questionário referente a contribuição da contação de história	64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: O ato de contar histórias está presente em sua prática docente?..... 50

Gráfico 02: Com que frequência você narra histórias para a turma?..... 50

Gráfico 03: "A contação de histórias é um instrumento importante para o desenvolvimento do gosto pela leitura." 51

LISTA DE SIGLAS/ ABREVIATURAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CE – Centro de Educação

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

DB - Docente B

EEBAS – Escola de Educação Básica

E.I – Educação Infantil

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PB – Paraíba

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

RP – Residência Pedagógica

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DO VALOR DA NARRATIVA ÀS ESPECIFICIDADES DOCENTE	18
2.1 Percurso histórico da literatura infantil/contação de histórias	18
2.2 O valor educacional da contação de histórias	24
2.3 Especificidades do profissional da Educação Infantil	28
3 O CONTADOR DE HISTÓRIAS E SUAS ESTRATÉGIAS	32
3.1 Professor contador	32
3.2 Estratégias metodológicas para a narrativa oral	36
4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA	41
4.1 A escola	42
4.2 Sujeitos Envolvidos	44
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS EMANADOS DA PESQUISA	46
5.1 Participantes da pesquisa	47
5.2 A prática narrativa e os critérios para as escolhas dos livros	48
5.3 Metodologias e técnicas para a contação	58
5.4 A contribuição da contação de histórias para a formação leitora e os desafios prática	da 63
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICE A - SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA A PESQUISA	71
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	72
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO	73

1. INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado configura-se como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e expressa importância do ato de contar histórias na Educação Infantil, tendo como incentivador da leitura na escola o profissional docente, que é um dos responsáveis por oferecer o contato com práticas sociais de narrativas.

A presente pesquisa foi desenvolvida na Escola de Educação Básica (EEBAS) da Universidade Federal da Paraíba, localizada no município de João Pessoa – PB, com as docentes da Educação Infantil. Vale deixar em evidência, que a temática investigada surgiu a partir dos contatos iniciais e das observações realizadas nas turmas da Educação Infantil no ano de 2018 (apenas uma observação dentre as três desta pesquisa de TCC não foi realizada com a mesma professora e turma) nos turnos matutino e vespertino do Programa Residência Pedagógica - RP¹.

As inquietações surgidas mediante a essas situações problemáticas na RP, despertaram a curiosidade em identificar como essa prática é vista pelos professores, já que a partir dessas observações foram criadas as seguintes hipóteses: As docentes podem não possuir o conhecimento sobre a pertinência da contação de histórias na formação leitora das crianças, por esta razão a ação é pouco executada; Tendo em vista a falta de compreensão sobre a narrativa oral, as professoras desconhecem as técnicas sugeridas para chamar a atenção dos pequenos, antes, durante e após a história.

A contação de histórias possui um valor formador na vida da criança, se tratando do seu contato com os livros e do seu aperfeiçoamento intelectual, por esta razão precisa ser estimulada, tanto pelos professores quanto pela família. Tal ação não é algo recente, surgida somente nos dias atuais, ao contrário, ela está presente na cultura e nos costumes de diversos povos que a tem como divertimento, bem como um canal para a transmissão de saberes e condutas.

¹O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. Essa imersão deve contemplar, entre outras atividades, regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhadas por um professor da escola com experiência na área de ensino do licenciando e orientada por um docente da sua Instituição Formadora. A Residência Pedagógica, articulada aos demais programas da Capes compõem a Política Nacional tem como premissas básicas o entendimento de que a formação de professores nos cursos de licenciatura deve assegurar aos seus egressos, habilidades e competências que lhes permitam realizar um ensino de qualidade nas escolas de educação básica. / Edital Residência Pedagógica/Capes.gov.br.

Este tipo de narrativa perpassa pelas diversas culturas e faixas etárias que enxergam a contação de histórias como um meio de expressão humana, cujo objetivo é narrar fatos que podem ser tanto reais quanto fictícios, a fim de estimular a imaginação e de provocar a imersão do ouvinte na história. Segundo Torres e Tettamanzy (2008),

Antes da escrita, todo saber era transmitido oralmente. Deve-se a isto toda a importância dada à memória nas sociedades tradicionais, pois a memória era o único recurso para armazenar e transmitir o conhecimento às futuras gerações. O ato de contar histórias remete a este tempo em que o homem confiava na sua memória e nas suas experiências, resgatando qualidades tão necessárias ao desenvolvimento humano (TORRES; ETTAMANZY, 2008, p. 02).

Desta maneira, os avós e os pais, por exemplo, fazem parte dessa arte, pois é por meio das experiências deles que surgem o desejo de transmitir aos seus netos, filhos e outros parentes, as vivências prazerosas que fizeram parte das suas jornadas de vida e que por terem sido marcantes, acharam necessário divulgá-las de geração a geração.

Assim, como futura docente que possui o objetivo de utilizar corretamente a contação de histórias em sala de aula, compreender o que causam interesses e desinteresses nas crianças especificamente relacionadas a este tipo de recurso é fundamental, mas compreender de fato qual a relevância deste para a formação das crianças da educação infantil revela a preparação e o comprometimento não apenas com a área de formação, mas com os protagonistas do processo de aprendizagem, as crianças.

Partindo desse pressuposto, a pesquisa buscou compreender qual a relevância da prática de contação de histórias para a formação dos alunos da Educação Infantil, a partir da verificação das práticas docentes do profissional da educação infantil. Os objetivos específicos complementam o processo investigativo e foram eles: Identificar qual a importância dada pelos docentes em relação à contação de histórias; Especificar como ocorre o processo de escolha dos livros; Discutir acerca das estratégias utilizadas no momento da contação e observar e registrar as reações das crianças frente as histórias.

Para o percurso metodológico, elegeu-se a pesquisa de campo, de cunho qualitativo, mediante a aplicação de questionários semiestruturados e observações descritivas. Buscamos apoio teórico nos estudos de Abramovich (2008), Fonseca (2012), Dohme (2000), Lajolo e Zilberman (2007), entre outros autores e documentos que contribuíram na fundamentação teórica do trabalho.

Sendo assim, este trabalho de Conclusão de Curso procura dar conta do tema, estruturando os capítulos da seguinte forma: o primeiro intitulado “Contação de histórias: do valor às especificidades docente”, abarcando três subtópicos: Percurso histórico da literatura infantil/contação de histórias; O valor educacional da contação de histórias; Especificidades do profissional da Educação Infantil. O segundo capítulo denominado “O contador de histórias e suas estratégias” com os dois seguintes subtópicos: Professor contador; Estratégias metodológicas da narrativa oral. Posteriormente, apresentamos os procedimentos metodológicos que deram forma ao trabalho, em seguida os dados emanados da pesquisa e por último as considerações finais.

2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DO VALOR DA NARRATIVA ÀS ESPECIFICIDADES DOCENTE

Neste capítulo, abordaremos acerca da trajetória do recurso da narrativa oral nas relações interpessoais dos povos desde os tempos antigos, em busca de compreender o objetivo e a relevância do incentivo e valorização de histórias expressadas pela oralidade. Além disto, discorreremos sobre o valor educacional da contação de histórias, bem como o papel do professor na Educação Infantil, etapa esta da Educação Básica, que requer dos docentes especificidades em suas atuações.

Percurso histórico da literatura infantil/contação de histórias

Em algum momento da vida, através de situações cotidianas que propiciam lembranças positivas e/ou negativas sobre algo, sentimos o desejo de transmitir esses acontecimentos para as pessoas em forma de história, ao relatar o que aconteceu, quais os personagens estavam envolvidos, quais foram suas condutas, como se sentiram diante dos fatos, bem como qual foi o desfecho da história.

À vista disto, é evidente a presença da contação como uma prática universal que perpassa por diversas culturas, propagando os feitos, valores, desejos e situações vivenciadas pelos povos de diferentes nações. Logo, pode-se dizer que desde a existência do homem, a oralidade na perspectiva da contação de histórias veio sendo exercida. Para Faria et. al. (2017),

A contação de histórias é uma prática antiga que surgiu muito antes da escrita, quando as pessoas utilizavam da oralidade para narrar acontecimentos à comunidade, transmitindo assim ensinamentos, valores, costumes, mitos e crenças de geração a geração, também usavam desta prática para o entretenimento, diversão e lazer (FARIA et al. 2017, p. 31).

Assim, é por meio da transmissão de conhecimentos constatado na contação de histórias que o fortalecimento da cultura acontece, pois, através dessa prática são mantidas os valores essenciais para que as pessoas de gerações diferentes compreendam o porquê do uso de determinadas vestimentas, pinturas no corpo, danças e costumes. Condutas essas, que tem o propósito de preservar e manter as suas culturas vivas.

Através das narrações de histórias, as tradições são conservadas, visto que algumas lendas, por exemplo, além de entreter os ouvintes tem a capacidade de auxiliar as pessoas ao cuidado que devem possuir ao transitar em locais pouco povoados, matas, ao distanciamento da família sem o aviso, e etc. visando assim, a proteção de todos.

O contador geralmente buscava divertir e proporcionar prazer aos ouvintes através das narrativas, por esse motivo era considerado o centro das atenções. O momento de sentar e ouvir não era uma obrigação ou algo tido como ruim, mas era uma certeza de que obteriam ali conhecimentos valiosos. Nessa esteira de pensamento, Souza e Bernardino (2011) afirmam que,

Na idade média o contador era respeitado em todos os lugares por aonde ia. Os trovadores obtinham entrada em palácios e aldeias contando histórias do gosto popular. Com o aparecimento da escrita, surgem, ao lado das histórias orais, as histórias escritas (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 237).

Com o passar dos tempos, a oralidade, por mais importante que fosse estava sendo insuficiente para transmitir e armazenar saberes tão significativos para os povos. Logo, com o surgimento e a evolução da escrita, as histórias passaram a ser registradas e os legados culturais foram mantidos com mais eficácia.

Todavia, os livros produzidos antes do século XVIII eram voltados para o público adulto, uma vez que as crianças partilhavam da mesma rotina dos maiores de idade, trabalhavam e exerciam funções que hoje enxergamos como inapropriadas para as crianças desempenharem. Sousa e Straub (2014) expõem que,

A criança acompanhava a vida social de um adulto e conseqüentemente compartilhava a mesma literatura, nesta época as crianças eram distinguidas em dois tipos: da nobreza e das classes desprivilegiadas. Crianças da nobreza liam geralmente clássicos, já as crianças desprivilegiadas liam ou ouviam histórias de aventura, lendas, contos folclóricos, e assim nasceu à literatura de interesse das classes populares (SOUSA; STRAUB, 2014, p. 123).

A fim de que a literatura finalmente se voltasse ao público infantil, ocorreram algumas mudanças na sociedade, se tratando do que é a infância e de que tipo de tratamento diferenciado elas deveriam receber durante o seu desenvolvimento até a maturidade. Fato este que ocorreu em meio a Idade Moderna mediante a uma nova concepção de família, voltada

não mais a amplas relações de parentesco vinculado ao modelo feudal, mas a um núcleo unicelular defendido pela burguesia.

Nesta nova visão de família, modelo este advindo da burguesia, a preocupação era em estimular o afeto entre os seus membros. Antes disso, não havia uma atenção básica voltada às crianças, embora participassem dos mesmos eventos dos adultos inexistia uma relação afetiva entre eles. Para Zilberman (2003),

Foram as modificações acontecidas na Idade Moderna e solidificadas no século XVIII que propiciaram a ascensão de modalidades culturais como a escola com sua organização atual e o gênero literário dirigido ao jovem. Com a decadência do feudalismo, desagregam-se os laços de parentesco que respaldavam este sistema, baseado na centralização de um grupo de indivíduos ligados por elos de sangue, favores, dívidas ou compadrio, sob a égide de um senhor de terras de origem aristocrática (ZILBERMAN, 2003, p. 16).

Deste modo, pensando em preservar os filhos e o afeto interno, a valorização da criança enquanto faixa etária inferior e conseqüentemente a uma necessidade de tratamento diferencial foi se solidificando. A infância passou a ser vista como uma etapa que necessita da dependência do vínculo afetivo com o adulto, devido sua falta de experiência existencial e de sua inocência.

A imagem da criança é constituída pelos interesses do adulto e da sociedade, tendem a projetar nela seus anseios e medos, ou seja, a criança passa a ser um reflexo do adulto e do que a sociedade espera que ela se torne. Por esta razão, ela pode ser vista sob duas vertentes, a da criança produtiva que deve gerar mão-de-obra e a improdutiva que depende do adulto responsável para sobreviver. Então, embora a valorização da criança tenha sido defendida pela burguesia, a desigualdade não deixou de existir e o trabalho braçal dos pequenos para servir aos maiores ainda acontecia. Em relação a esse aspecto, recorreremos a Zilberman (2003) que assevera:

No século XVIII os pequenos e as mulheres puderam gozar de maior liberdade, de modo que a família exibe a imagem de uma parceira interna, dominada pelo liberalismo e calor afetivo, e não pelo poder paterno e a obediência hierárquica. E, se no século XVII já se verificava um interesse especial pela criança, provocando edição dos primeiros tratados de pedagogia, escritos pelos protestantes ingleses e franceses, o século XVIII assiste a essa passagem completa da infância ao centro das considerações. (ZILBERMAN, 2003, p. 38).

Posto isso, as obras literárias voltadas ao público infantil passaram a ser produzidas devido à mudança de visão e tratamento sobre as crianças, de modo que antes da concepção de infância e família moderna, elas eram tratadas como adultos que não precisavam de um cuidado diferenciado, não havia afeto entre os pais e os filhos, logo, não era preciso pensar em obras literárias específicas para a sua faixa etária.

Após essa nova perspectiva de valorização da infância, por meio da qual percebeu-se que as crianças mereciam uma consideração especial, cuidados e principalmente afetividade advindo dos adultos, viu-se a necessidade de produzir livros diferenciados que contribuíssem para a formação dos pequenos cidadãos de forma prazerosa. Zilberman (2003) deixa esse entendimento mais claro ao afirmar que,

Os primeiros livros para as crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso, não se escrevia para elas, porque não existia ‘infância’. Hoje, a afirmação pode surpreender; todavia, a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só aconteceu em meio à Idade Moderna (ZILBERMAN, 2003, p. 15).

Sendo assim, a literatura infantil surgiu como uma forma de promover a compreensão sobre o que estava ocorrendo no mundo real, além de transmitir normas e valores de forma dinâmica, proporcionando esse suporte que de certa forma pode ter sido escasso devido às circunstâncias sociais as quais elas estavam expostas na época.

Pensar em uma literatura voltada para crianças é valorizar, respeitar e se preocupar com estes indivíduos, é também entender que estes possuem o direito de interagir com os livros que permitirão auxiliá-los a compreender o mundo em que vivem, as suas emoções, suas incertezas, dificuldades, pensamentos e anseios. É acima de tudo vê-los como capazes de transformar e ser transformado pelo ouvir/ler histórias. Logo, é a partir dessa literatura infantil que é construído um conceito e imagem da criança. Para Amarilha (1999),

É reconhecendo a necessidade de educar a criança, seja pobre ou não, nos moldes da cultura burguesa, que se abre um campo em potencial de produtos culturais. Dentre eles, o livro e a literatura passam a ter relevante interesse. É então que surge a Literatura Infantil, esta é um produto intrinsecamente relacionada ao fenômeno da revolução burguesa industrial. Para instruir e ser consumida, ela passa a ser produzida em grande escala (AMARILHA, 1999, p. 129).

As primeiras obras destinadas às crianças passaram a ser produzidas no mercado por volta do século XVIII, porém, vale ressaltar que antes desta data foram registradas histórias que se encaixaram na esfera da Literatura Infantil no século XVII, sendo elas, as Fábulas, de “La Fontaine”; “As aventuras de Telêmaco”, de Fénelon e “Os contos da Mamãe Gansa” de Charles Perrault.

No século XIX, os irmãos Grimm se destacaram com as suas coleções de contos de fadas em que eram apresentados personagens de cenários imaginários, como fadas, dragões, bruxas, lobos e monstros que provocavam a atenção e o interesse das crianças em conhecer a história, para que assim pudessem vivenciar de perto as inúmeras emoções que ela causaria. Lajolo e Zilberman (2007) destacam outros autores e seus respectivos livros com predileção pelos pequenos,

[...] Histórias fantásticas, modelo adotado sucessivamente por Hans Christian Andersen, nos seus Contos (1833), Lewis Carrol, em Alice no país das maravilhas (1863), Collodi, em Pinóquio (1883), e James Barrie, em Peter Pan (1911), entre os mais célebres. Ou então por histórias de aventuras, transcorridas em espaços exóticos, de preferência, e comandadas por jovens audazes (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 20).

Desse modo, sabendo que a literatura infantil européia teve seu início por volta do século XVIII através da publicação do escritor e poeta francês Charles Perrault com a sua obra Contos da Mamãe Gansa, no Brasil a literatura voltada aos pequenos surgiu no século XX, embora já se ouvisse falar em algumas obras destinadas a crianças, um pouco antes desse período.

As autoras Lajolo e Zilberman expõem que foi através da implantação da Imprensa Régia que se inicia a atividade editorial no Brasil. A publicação dos livros estava voltada às traduções de “As aventuras pasmosas do Barão de Munhausen” e a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, a leitura para meninos, contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre geografia e cronologia de Portugal e história natural, que mais à frente foram reeditadas.

A literatura infantil brasileira começou aproximadamente no período da proclamação da república, momento este em que o país estava passando por diversas modificações. Através da acelerada urbanização, a literatura se tornou propícia nessa fase devido o aumento do consumo, assim como ocorreu na Inglaterra por meio da revolução industrial.

Vale destacar que o surgimento de muitos livros infantis brasileiros decorreu das traduções e adaptações de obras estrangeiras. Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel foram os principais responsáveis por proporcionar às crianças brasileiras, a possibilidade de apreciar livros escritos fora do país. Lajolo e Zilberman (2007) afirmam que graças a eles,

Circulam no Brasil, Contos seletos das mil e uma noites (1882), Robinson Crusóé (1885), Viagens de Gulliver (1888), As aventuras do celeberrimo Barão de Munchhausen (1891), Contos para filhos e netos (1894) e D.Quixote de la mancha (1901), todos vertidos para a língua portuguesa por Jansen. Enquanto isso, os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen são divulgados nos Contos da Carochinha (1894), nas Histórias da avozinha (1896) e nas Histórias da baratinha (1896), assinadas por Figueiredo Pimentel e editadas pela Livraria Quaresma (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 27).

Posto isso, diversos autores brasileiros se mostraram relevantes na Literatura Infantil como: Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira com o livro Contos Infantis (1886), Olavo Bilac e Coelho Neto com a edição dos Contos Pátrios, Alexina de Magalhães Pinto com as antologias folclóricas, Manuel Bonfim, Tales de Andrade, Monteiro Lobato, Cecília Meireles, entre outros.

Monteiro Lobato ganhou destaque na Literatura Infantil com a publicação do livro “Narizinho Arrebitado” em 1921. Obra utilizada para o uso nas escolas primárias. Deste modo, foi proporcionado através deste, uma linguagem mais acessível e uma história que de fato agradasse as crianças brasileiras. Depois desse livro, outros personagens ganharam destaque como: o saci, a boneca Emília, Dona Benta, principalmente com a união destes por meio das aventuras no Sítio do Pica-Pau-Amarelo. Lobato revela através do Sítio uma concepção de mundo e da sociedade a qual estava inserido, época retratada pela vida rural.

Sendo assim, diversas obras foram desenvolvidas para o público infantil e isso ocorreu devido à inspiração que autores brasileiros tiveram pela literatura européia que passaram a se preocupar com as crianças e com a educação ofertada a elas. A literatura infantil possui o objetivo de aguçar a inteligência das crianças para compreender o mundo de forma dinâmica, para que possam conhecer a si e ao outro, abarcando as diferentes culturas e compreendendo as diferenças, além do fortalecimento das inúmeras potencialidades que a literatura poderá desempenhar durante a formação do pequeno leitor.

O valor educacional da contação de histórias

As crianças desde muito cedo tem contato com a narrativa oral, advinda da voz da mãe, do pai ou dos familiares. De modo que, ouvi-los dialogar é tido como algo prazeroso, é um som familiar que proporciona a criança proximidade e proteção, por isso, as ações realizadas por esses responsáveis comumente terá um cunho positivo e confiável para a criança, principalmente se tratando da leitura. Posto isso, se faz necessário apresentar o conceito de leitura, que de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (2001),

É um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. (BRASIL, 2001, p. 53).

Partindo dessa ideia, uma narrativa de histórias precedidas pelos familiares poderá ser bem aceita pela criança se estimulada com frequência. Entretanto, é necessário que estes não busquem contar histórias aleatórias de livros que foram escolhidos apenas por conter na capa desenhos que lembram a infância, mas que tenham sido eleitos por saber que através daquelas histórias a criança será estimulada a interpretar, se emocionar, imaginar e encontrar um sentido significativo.

A criança precisa entender que os livros não são simples objetos repletos de letras e imagens que costumam ficar expostos nas estantes de casa, mas que ele possui um valor formador. As palavras e as imagens do livro representam histórias que podem estabelecer relações com condutas, culturas, animais, afetividade, entre outras temáticas que favorecem a criança a entender a si, o mundo e as pessoas que nele vivem. É por esta razão que os livros devem fazer sentido para a criança e estes precisam dialogar com o seu contexto e com as suas necessidades, para que desperte nela o interesse que auxiliará a torná-la um futuro leitor.

A este aspecto acima exposto, Martins (1993) declara que,

No ato de ler: a interação das condições interiores (subjetivas) e das exteriores (objetivas) são fundamentais para desencadear e desenvolver a leitura. Seja quem for o leitor, o ato de ler sempre estará ligado a essas condições, que podem ser precárias ou ideais. (MARTINS, 1993, p. 21).

De acordo com essa perspectiva, para que a criança se sinta mobilizada e motivada em apreciar uma contação de história, é preciso perceber e entender através do diálogo com a

criança, como as condições subjetivas e objetivas estão se portando nela². Ou seja, o que a criança sente e almeja que vem do seu interior e o que as coisas externas como condições econômicas, relações, motivações, e etc. são vistas e sentidas por ela. Logo, a partir dessa observação, o adulto deve pensar em livros que estejam de acordo com essas condições, caso contrário a criança dificilmente demonstrará interesse por algo que foge da sua realidade e dos seus anseios.

A participação da família para desenvolver o hábito da leitura, é imprescindível. Todavia, nos deparamos com famílias que não possuem o conhecimento sobre a importância de ler histórias para os seus filhos, e em certos casos, há responsáveis que são analfabetos e mesmo querendo, não conseguem transmitir o que está explícito nos livros, pois não compreendem os códigos por não terem tido acesso a escola ou por terem interrompido a caminhada escolar por questões pessoais e/ou profissionais.

Alguns responsáveis acreditam que contar histórias é uma brincadeira para passar o tempo, que não gera aprendizagens para o desenvolvimento da criança. E por achar isso, não vêem necessidade de realizar tal prática. Isto ocorre devido à falta de informação sobre o que a atividade pode proporcionar aos pequenos. Por esta e outras razões, a escola deve possuir uma parceria com a família, para que essa prática seja reconhecida e efetivada em seus lares.

Não podemos descartar aqueles responsáveis que sabem da relevância de narrar histórias, mas se ocupam com as suas próprias tarefas e deixam a responsabilidade de formar leitores apenas para a escola. É por esta razão, que ao ingressar na escola e passar a ter contato com rodas de leituras, algumas crianças que não receberam esse incentivo, resistem. Em relação a essa questão, Roque e Canedo (2014) afirmam que,

Para fazer brotar esse interesse pela leitura nas crianças é preciso incentivos que venham da família e da escola, de modo que a criança se sinta motivada para a realização desta atividade. A leitura oferecida pelas duas instituições socializadoras primárias - família e escola - deve ser praticada de forma prazerosa para a criança, fazendo sentido para a mesma pela relação estabelecida entre o texto e o mundo infantil. Além disso, o hábito da leitura favorece o desenvolvimento da criança em diversos aspectos relacionados com o ensino e a aprendizagem, tais como o senso crítico, a ampliação da capacidade de criação/imaginação e de conhecimentos gerais (ROQUE; CANEDO, 2014, p. 04).

²Charlot (2013) define as condições objetivas e subjetivas como motivação e mobilização e afirma que a motivação é externa, ao passo que a mobilização é um fenômeno interno: motiva-se alguém de fora, enquanto mobiliza-se a si mesmo de dentro.

Gostar de ler é um hábito que se adquire, pois, não se nasce leitor, torna-se. Logo, é por meio do incentivo que necessita partir inicialmente dos familiares e em seguida da escola, que a criança passa a perceber que a história narrada por eles ou pelo professor em sala é pertinente para a vida dela, pois ali ela aprende questionando e refletindo.

A autora Fanny Abramovich expõe em seu livro “Gostosuras e Bobices” o quanto a sua mãe teve um papel fundamental na sua paixão pela leitura desde pequena. Fanny relata que nas histórias narradas por sua mãe todas às noites antes de dormir, ela ocasionalmente estava como a personagem principal, quando isso não ocorria, os brinquedos, as brincadeiras e as comidas preferidas faziam parte da narrativa. Como exemplo, ocorreu com a história de João e Maria, a casa descrita pela mãe era composta pelas comidas prediletas da autora, e isto a deixava entusiasmada e concentrada do início ao fim da história. Evidenciando esse fato, Abramovich (2008) expõe:

Meu primeiro contato com o mundo mágico das histórias aconteceu quando eu era muito pequenina, ouvindo minha mãe contar algo bonito todas as noites, antes de eu adormecer, como se fosse um ritual... Lembro de sua voz contando “João e Maria” e das várias adaptações que criava em relação à casa da bruxa, sempre sendo construída com todas as comidas de que eu gostava... Havia outras, onde eu era a personagem principal, que ela ia inventando ao sabor dos acontecimentos de cada dia [...] (ABRAMOVICH, 2008, p. 10).

Narrar histórias para crianças é ter certeza que elas não foram em vão para os seus ouvidos e mentes, pois no momento em que ocorre uma contação, os pequenos ficam atentos a cada palavra mencionada pelo contador e percebem até quando o tom de voz muda. Vale ressaltar que isto pode ocorrer mesmo quando elas parecem dispersas da ação naquele momento. Ademais, ao mostrar o texto escrito e a imagem, a criança percebe que existe uma relação entre as duas, compreende que a imagem está representando a ação escrita, ou seja, mesmo ela não sabendo ler, consegue realizar uma leitura visual do livro que se refere a tudo o que ela enxerga e percebe no seu campo de visão.

Por meio da contação de histórias, a criança também consegue se identificar com os personagens, podendo ser eles: princesas, príncipes, heróis, bruxas e entre outros. A partir disto, ela começa a fazer a diferenciação entre o bem e o mal que é interpretado pelas condutas do personagem. Logo, se ela está praticando algo ruim com algum colega que a torna “mal” assim como as bruxas, a criança passa a repensar sobre os seus comportamentos.

Cesar et. al. (2014) evidenciam que,

Através da diferenciação do bem e do mal, do certo e do errado, a criança nesta dinâmica vai construindo valores morais e éticos, de autoconhecimento e reflexão, ou seja, naturalmente vão sendo inseridos princípios importantes nesta fase primordial em que estão desenvolvendo sua visão de mundo. (CESAR et. al. 2014, p. 05)

Partindo dessa ideia, há diversos livros que são capazes de fazer com que as crianças reflitam sobre suas ações, sem precisar que os responsáveis e professores parem a todo instante para queixar-se das suas atitudes. Por exemplo, se em sala de aula estão ocorrendo inúmeras reclamações sobre *bullying* ou se em casa as crianças não estão obedecendo aos pais, a ideia é que o professor e os responsáveis utilizem essas histórias para solucionar as problemáticas, uma vez que, a criança ao se envolver com a narrativa poderá ser capaz de perceber as peculiaridades da informação dada e reconstruirá pensamentos e reflexões acerca daquilo que julga-se correto ou não. Logo, existirão probabilidades de mudanças relacionadas aos seus comportamentos.

Vale salientar, que a narrativa permite que a criança aumente o seu repertório linguístico e realize uma autocorreção das palavras proferidas por ela, sem que haja uma correção do adulto que a deixe constrangida. Se a criança costuma falar “vrido”, “bicicreta”, “golira”, e entre outras, em uma história que contém essas palavras, o contador deve pronunciá-las corretamente soletrando as sílabas devagar para que a criança perceba a palavra correta e a substitua no seu vocabulário.

Ao ouvir uma história, a criança aguça a sua imaginação, enriquece o seu vocabulário, aperfeiçoa as diversas formas de interpretação, vivencia as suas emoções, compreende o agir, os costumes, os valores, e etc. É preciso possibilitar que a criança conheça o mundo através das histórias, que outras culturas diferentes da dela sejam apresentadas e que ela entenda que a leitura é capaz de provocar sensações e conhecimentos que serão válidos por toda a vida. Como diz Abramovich (2008),

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...] escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo (ABRAMOVICH, 2008, p. 16).

A partir dessas potencialidades desenvolvidas mediante a contação de histórias, percebe-se o quão necessário é o ato de ouvir para que contribua na formação de um bom ouvinte e conseqüentemente um bom leitor. Diante disto, a criança será capaz de trilhar por um caminho onde haverá descobertas, em que a sua imaginação será cultivada e as suas curiosidades serão sanadas.

Especificidades do profissional da Educação Infantil

Desde cedo, a criança é capaz de fazer a leitura de mundo mesmo ainda não sabendo ler, por meio das suas interações, do seu ouvir, questionar, tocar e perceber. Mas é na sua inserção na escola especificamente na Educação Infantil que essas potencialidades são trabalhadas e fortalecidas para que a criança continue avançando com autonomia ao se tratar das suas aprendizagens.

Conforme a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), a educação “pré-escolar” era vista na década de 1980 como uma etapa que antecedia a educação formal. Ou seja, ela estava fora da educação básica e era entendida que essa educação só seria vivenciada no Ensino Fundamental. Logo, foi por meio da Constituição de 1988 e em seguida a LDB no ano de 1996 que a Educação Infantil passou a fazer parte da Educação Básica. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - DCNEI (2010), em seu Artigo 4º, a criança é reconhecida como um:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p. 12).

Partindo desse conceito, a criança nesta etapa educacional tem o direito de brincar, de expressar-se, de conhecer a si e ao outro, de conviver e interagir com outras crianças, de participar das atividades propostas pela docente da instituição e de explorar os ambientes e aprender com eles. Sabemos que cada criança possui as suas particularidades e que uma turma jamais será homogênea e nem se deve tentar torná-la, pois o professor precisa desenvolver o seu trabalho pedagógico abarcando as diferenças e não tentando ocultá-las.

Em relação ao profissional docente da Educação Infantil, precisamos entender que ele possui um perfil profissional que deve ser levado em consideração. Algumas instituições

contratam pessoas sem formação, o que prejudica o avanço das crianças, pois elas não possuem o entendimento necessário para a realização com qualidade das suas práticas envolvendo o contexto dos alunos, conflitos, cuidados básicos, e principalmente os conhecimentos específicos. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) destaca o perfil do professor quando explana que,

O trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação. (BRASIL, 1998, p. 41)

Tendo conhecimento de que a criança é um indivíduo capaz de questionar, criticar e refletir demonstra a necessidade do docente pensar e formular atividades com intencionalidade. Ao pensar em uma atividade de contação de histórias, por exemplo, o docente precisa saber o que ele pretende atingir com aquela proposta, para que não seja um mero recurso para passar o tempo. Reforçando essa ideia de intencionalidade educativa a BNCC (2017) declara que,

Essa intencionalidade consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas. Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças. (BRASIL, 2017, p. 39)

O Documento destaca a necessidade de o professor acompanhar tanto as práticas, quanto as aprendizagens dos pequenos para verificar os avanços e as dificuldades da criança e auxiliá-la durante todo o processo. Neste acompanhamento, o docente também consegue observar por meio dos seus registros em: fotos, portfólios, relatórios e outros meios, como a

sua prática foi recebida pelas crianças e dependendo da coleta de informações, o professor modifica e melhora as suas ações.

O docente da Educação Infantil também guia a sua prática através dos cinco campos de experiências presentes na Base, tendo em vista que esta etapa educacional tem seu foco voltado às aprendizagens e o desenvolvimento das crianças. Sendo assim, os cinco campos são os seguintes: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Se tratando da narrativa oral, o campo que se encaixa com essa prática lúdica e intencional é: Escuta, fala, pensamento e imaginação. A Base (2017) está de acordo com essa afirmação quando explicita que,

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BRASIL, 2017, p. 42).

Nessa esteira, a oralidade vai permitir que a criança enriqueça sua comunicação e vocabulário, melhore a sua interação com os colegas e os adultos, compreenda as expressões faciais (de surpresa, tristeza, alegria, etc.), bem como favorecerá que ela crie hipóteses antes, durante e depois da narrativa. Logo, é preciso que o professor assuma um compromisso com a leitura e a introduza na rotina dos pequenos, criando assim o hábito da contação de histórias. Smolka, Magiolino e Rocha (2016) destacam no caderno 03 “Crianças, linguagem e escrita: modos de apropriação” que,

É nas relações com os adultos que as crianças aprendem modos de uso de objetos e de utilização dos mais diversos instrumentos técnicos e semióticos - dentre esses, os livros -, mas também os modos de falar, modos de conhecer, modos de narrar e de dizer sobre as coisas no mundo, modos de (vir a) ser leitor. Aprender a falar e a escutar, aprender a narrar, entretende-se com - e vai sendo marcado por - as formas e funções da produção gráfica e escrita na sociedade letrada (SMOLKA; MAGIOLINO; ROCHA, 2016, p. 88).

Sendo assim, verificamos que o trabalho da professora na Educação Infantil não é simples, tampouco fácil, requer profundos estudos, dedicação e compromisso com a formação intelectual das crianças, principalmente com relação à leitura na infância. Além disso, ela deve buscar a todo instante rever sua prática em prol das necessidades educativas de cada aluno, respeitando as diferenças, trabalhando com contextos e buscando progredir nos mais variados aspectos.

3 O CONTADOR DE HISTÓRIAS E SUAS ESTRATÉGIAS

O presente capítulo aborda a relevância do papel do profissional docente como mediador da contação de histórias na Educação Infantil. Ademais, observaremos de que modo as escolhas dos livros, as estratégias metodológicas criativas, a entonação, a postura, a preparação do ambiente, e principalmente a participação da família são consideradas facilitadoras no desenvolvimento do gosto pela leitura.

Professor contador

Formar leitores não é tarefa fácil, uma vez que requer engajamento, determinação e principalmente responsabilidade. Esta última devido à capacidade de lidar com o processo de aprendizagem e formação do indivíduo. Vale destacar que o professor ou responsáveis podem ser vistos como referências para as crianças, ou seja, como um modelo de inspiração decorrente a forma de atuação da família e do professor em relação à leitura, por esse meio, a criança percebe a prática como relevante ou não.

À vista disso, se o profissional docente e a família não enxergam a contação de histórias como uma prática valorosa e formadora, é disseminada para as crianças a ideia de que não há necessidade em solicitar ou participar de narrativas orais, pois nada irá acrescentar na sua formação intelectual, emocional e social. Logo, eles passam a não enxergarem sentido na ação, portanto não se sentem mobilizados e motivados em tê-la no seu dia-a-dia. Em relação a essa questão, Botini e Farago (2014) citam que,

A leitura quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo vista, muitas vezes, como algo que não é de interesse do indivíduo, já que acontece apenas em lugares rígidos e de forma obrigatória. No entanto, se o estímulo à leitura acontecer no ambiente informal, principalmente no lar, é mais provável que o leitor tenha facilidade na compreensão de textos (BOTINI; FARAGO, 2014, p. 45).

Tendo em vista o professor e os responsáveis como modelos a serem seguidos por algumas crianças, o estímulo à contação deve partir inicialmente das famílias e em seguida da escola, que desenvolverá um trabalho mais detalhado com as crianças, porém, sabemos que há vários fatores que interferem negativamente na execução da ação oral, sejam eles devido à

falta de livros de qualidade, a compreensão sobre a importância dessa prática, o analfabetismo dos responsáveis e até mesmo a falta de incentivo na infância.

O docente em sua formação se depara com a pertinência da narrativa oral na educação infantil, como uma das possibilidades de inserir as crianças mesmo ainda não sabendo ler e escrever no universo encantando da leitura, auxiliando-os a refletir, imaginar, solucionar, compreender, e entre outras potencialidades que podem ser fortalecidas e desenvolvidas por meio da contação. Logo, sabendo dessa relevância, o profissional pode transmitir para os pais o valor de tal prática, para que por meio dessa parceria, os responsáveis possam tornar a contação de histórias cada vez mais presentes no cotidiano das crianças.

Quando há inexistência do ato de narrar histórias nos lares, a escola assume o papel como primeiro responsável por essa efetivação. Posto isto, a instituição passa a ser um espaço privilegiado para o contato das crianças com os livros e histórias, ou seja, o primeiro contato da criança com as práticas sociais de leitura vai ocorrer neste caso, inicialmente na escola.

Se tratando da narrativa oral, as crianças precisam saber qual é o propósito da atividade ministrada pelo professor e qual a razão dele escolher determinados livros para ler, livros estes que devem partir das necessidades e dos contextos dos pequenos para que eles enxerguem sentido na ação, caso contrário à prática da leitura deixa de ser significativa. A autora Fonseca (2012) menciona que,

Ao sabermos qual o propósito leitor que guia nossa leitura, ou seja, para que estamos lendo, temos mais condições de decidir o que fazer, que tipo de texto escolher, quais procedimentos realizar. Diante de cada propósito leitor, o professor explicita às crianças quais são os procedimentos mais adequados. Sendo assim, o professor mostra ao aluno como lidar com o texto diante do propósito leitor em questão (FONSECA, 2012, p. 30).

Desse modo, saber a importância da contação, transmitir essa pertinência aos alunos e escolher livros conforme as suas necessidades são os primeiros passos para uma contação de qualidade. Este momento lúdico na educação infantil é capaz tanto de encantar, quanto frustrar a criança, por isso deve ser feita com bastante cautela pelo professor contador.

A criança é conhecida por ser extremamente observadora, comumente está atenta aos diálogos entre os pais, familiares e colegas, mesmo quando em certas situações aparentam estar distantes. O mesmo ocorre em relação à prática do professor, se tratando neste caso do seu desempenho ao contar histórias para a turma.

No momento da narração, alguns alunos conseguem perceber quando o professor está realizando a contação de qualquer forma, ou seja, sem vontade, sem postura, sem utilizar

entonações, sons, entre outros elementos. Isto se torna mais perceptível quando eles já recebem um incentivo familiar e notam que a diferença é exorbitante. Tais comportamentos acabam desinteressando a criança e ela passa a enxergar esse momento como algo desagradável, monótono e desmotivador. Por esta razão, o docente precisa refletir continuamente sobre a sua prática para reestruturá-la em prol dos seus alunos. Conforme César et. al (2014),

Uma história bem contada é um importante estímulo para o desenvolvimento pleno das crianças, pois atua no campo cognitivo, social e emocional. Percebe-se que, quando dispõem de acesso à leitura, desenvolvem um vocabulário mais rico, são mais curiosas e criativas e articulam melhor as ideias. (CÉSAR et. al. 2014, p. 35)

Contar histórias exige planejamento em relação à temática do livro, ao ambiente, ao tempo que possui e aos objetivos que ele almeja atingir. Quem são os meus alunos? O que espero que eles aprendam? O que eles já sabem em relação a essa temática? O que precisa ser trabalhado com mais intensidade? Como posso organizar o meu tempo para a efetivação dessa prática? Enfim, todas essas questões devem ser observadas.

A escolha errada de um livro pode desencadear consequências graves para as crianças, visto que, não são todos os livros que possuem qualidade, alguns trazem conceitos equivocados e errôneos, repleto de preconceitos, com histórias que frustram e geram emoções ruins nas crianças. Por este motivo, recomenda-se que o professor efetue uma leitura prévia para que essas problemáticas não venham ocorrer e afetar a relação do aluno com a leitura. Nesta esteira de pensamento, Abramovich (2008) alega que,

Qualquer história pode ser contada,[...] desde que ela seja bem conhecida pelo contador, escolhida porque a ache particularmente bela ou boa, porque tenha uma boa trama, porque seja divertida ou inesperada ou porque dê margem para alguma discussão que pretende que aconteça, ou porque acalme uma aflição...o critério é do narrador...E o que pode se suceder depois depende do quanto ele conhece suas crianças [...] (ABRAMOVICH, 2008, p. 20).

O docente precisa dominar a história, sentir como cada uma se apresenta, para que seja transmitida às crianças na mesma intensidade de como está escrita, despertando neles emoções, imaginações e interesses que farão com que eles anseiem pela próxima narrativa. Logo, não ler antecipadamente e decidir improvisar, não devem ser adotados como

estratégias, pois, podem acabar com o momento mágico que é a contação de histórias. À vista disso, é indispensável que o professor assuma uma postura ativa e estimuladora durante todo o processo.

Ao ouvir histórias, a criança tende a incorporar o que aprendeu nas suas condutas, tanto que quando solicitamos que ela reconte, o modo de segurar o livro, o tom de voz, a forma como aponta para as imagens, as perguntas feitas para os colegas, é semelhante ao professor contador, uma vez que geralmente, ele é visto como um modelo de inspiração.

Durante o ato, o professor consegue ter uma aproximação boa com o seu aluno, passa a conhecê-lo melhor e conseqüentemente começa a ganhar aos poucos a sua confiança. Tendo isto, a criança se sente confortável em dialogar, participar, questionar, pois ela percebe que é compreendida pelo professor, logo interagir passa a ser algo simples para ela. Sousa e Straub (2014) vão de acordo com essa questão quando afirmam que,

O contar histórias possibilita conhecer melhor a criança, criar vínculo com ela. Mas para isso acontecer, é necessário conquistar a confiança da criança, ela não deve ter medo de se expressar, de dar opiniões na história, de explicar o que entendeu, a criança ouvinte deve ter confiança na professora, saber que se ela não conseguir se expressar a professora irá ajudá-la. (SOUSA; STRAUB, 2014, p. 129)

O docente também precisa se atentar com o momento ideal para realizar a contação de histórias, que deve ser desenvolvida com calma, por isso não é indicado que seja feita nos primeiros minutos da aula ou no final faltando poucos minutos para irem para suas casas, visto que, neste primeiro momento algumas crianças ainda estão chegando à escola e no final estão cansadas e ansiosas para o retorno às suas casas. Alguns responsáveis chegam antes da hora determinada, e a criança acaba perdendo de vivenciar a prática por não estar presente.

Desse modo, são diversos os trabalhos que o professor necessita assumir na sua prática pedagógica relacionada à arte de contar histórias que requer preparo, técnicas e metodologias adequadas, caso contrário a efetivação desse processo será vã. Portanto, o professor que atua como mediador precisa proporcionar atividades práticas que vão de acordo com os momentos de leitura, estimulando as crianças a se dedicarem com amor e prazer nas rodas de histórias.

Estratégias metodológicas para a narrativa oral

Planejar e se preparar são dois eixos que não devem estar separados da prática docente, principalmente se tratando da execução de uma contação de histórias que requisita critérios minuciosos que vai desde a escolha do livro a ser lido até a finalização da narrativa.

Este ato de planejar implica em desenvolver atividades e rotinas com as crianças da educação infantil que precisam ser flexíveis e caminhar de acordo com as necessidades de aprendizagem desse público. A criança carece de uma rotina, uma vez que isso lhe trará segurança e apoio na construção de noções de tempo, além de garantir situações agradáveis e organizadas. De acordo com a autora Barbosa (2007) a rotina é considerada,

Uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil. As denominações dadas à rotina são diversas: horários, emprego de tempo, sequência de ações, plano diário, rotina diária, jornada, etc. (BARBOSA, 2007, p. 35).

Sendo assim, é indispensável ter a contação de histórias no plano do professor e na rotina das crianças, pois quanto mais elas presenciarem e perceberem que a leitura faz parte do seu dia-a-dia e do seu processo de aprendizagem na escola mais elas se aproximarão de práticas sociais de leituras e as desfrutarão com prazer e não como uma obrigação.

Os professores precisam formar leitores competentes, para que estes sejam capacitados a influenciar outras crianças a se envolverem com a leitura, tornando-os indivíduos críticos e reflexivos capazes de inserir a leitura como atividade permanente. Todavia, para que esses pequenos reconheçam o valor inerente à narrativa oral, a atuação do professor é crucial, é ele quem irá proporcionar situações que poderão motivar essas crianças ao hábito pela leitura.

Contar histórias é uma arte, e não há como contestar, mas ela pode ser aprendida com dedicação e claro, muito estudo. Narrar vai além de ler oralmente uma história para alguém, de decodificar os códigos e de mostrar as imagens, é preciso senti-la e mergulhar nela como se fosse o personagem principal. Por este motivo, o uso de metodologias criativas e incentivadoras são capazes de contribuir para tornar o momento mágico e único para a criança.

Diversos procedimentos podem ser responsáveis por garantir uma boa recepção das histórias pelas crianças e isto envolve: Critérios de escolha dos livros, preparação do ambiente, descontração inicial e entre outros. Referente aos livros, como vimos no subtópico

anterior é preciso que a escolha seja feita inicialmente de acordo com o contexto e os interesses dos pequenos, podendo ampliar os gêneros textuais (poemas, receitas...) a partir das relações que elas apresentarão com as práticas.

Preparar o ambiente não é um procedimento menos importante, pois é nele que a criança interage, manipula e se desenvolve. Sendo assim, os elementos do local devem estar ao alcance da criança e não apenas do adulto, deixando claro que a autonomia também faz parte desse processo. Relacionado a este aspecto Sousa e Straub (2014) alegam que,

O espaço de leitura deve ser acolhedor, preparado de acordo com as necessidades da criança, deve ser convidativo e confortável, permitindo que circulem e falem livremente. Um lugar em que o professor apoie e compartilhe a escolha dos livros de história juntamente com as crianças [...] (SOUSA; STRAUB, 2014, p. 126)

Outra estratégia divertida e bem recepcionada pelas crianças da educação infantil é a descontração inicial, mais conhecida como roda de conversa que funciona da seguinte maneira: Antes de iniciar a contação, o docente solicita que as crianças sentem ao chão formando um círculo, depois de terem feito isso conversarão sobre o seu dia anterior ou atual, como estão se sentindo, o que fizeram em casa, e etc. Seguidamente poderão cantar uma música preferivelmente escolhida por eles e logo após o livro é apresentado. De acordo com Fonseca (2012),

A roda favorece a conversa e que um olhe para o outro enquanto fala. Ela ajuda a criar um clima de acolhimento e aconchego, pois algo que gostamos muito será compartilhado: o momento da história! E poderemos ficar todos bem pertinho, um momento tão especial e só nosso – alunos e professor (FONSECA, 2012, p. 154).

Sabemos que a escolha do livro, a forma de leitura e o desenrolar da ação comprometem positivamente ou negativamente na significação dada pela criança. O professor precisa saber escolher bem e explorar o máximo possível a história narrada, não ficar apenas na leitura corrida, sem realizar as pausas necessárias ou demonstrar as imagens presentes na história. A autora Fonseca (2012, p. 48) explicita em seu livro “Interações: com olhos de ler” algumas sugestões necessárias para que o professor assuma na sua prática, que vai desde a apresentação do livro até a finalização da leitura. Segue o quadro que demonstra essas indicações:

Quadro 1 – Sugestões para o cumprimento da contação de histórias.

Antes da leitura	Durante a leitura	Depois da leitura
- Ler o título e perguntar aos alunos do que acham que o livro tratará. - Ler a sinopse e fazer comentários ou perguntas para que as crianças antecipem a história. - Mostrar algumas ilustrações para que as crianças antecipem o enredo. - Apresentar curiosidades da vida do autor. - Mencionar algumas características do gênero que será lido. - Retomar alguma história conhecida, caso seja do mesmo gênero ou autor. - Contar como conheceu a história ou como encontrou o livro.	- Se os ouvintes fizerem perguntas, dê atenção, responda de modo objetivo e retome a leitura para não perder “o fio da meada”. - Se perceber que algumas crianças se distraíram um pouco, procure fazer um comentário, criar um suspense para conquistar a atenção delas de volta. - Se notar que a história está difícil ou que as crianças não compreenderam alguma parte, faça uma breve explicação e retome a leitura. - Lance perguntas no ar, do tipo: O que será que ele vai fazer agora? Será que isso aconteceria conosco? e etc.	- Fazer comentários sobre o que leu. - Falar sobre o estilo de escrita do autor. - Rerler algum trecho preferido, explicando por que o prefere. - Falar sobre o personagem que chamou a atenção, compará-la com outros personagens de livros conhecidos por eles. - Relacionar determinada passagem da história com um fato real. - Apresentar ou indicar outros livros do mesmo autor.

Fonte: Livro: Interações com olhos de ler da autora Edi Fonseca (2012)

A partir da visualização deste quadro, conseguimos observar de forma clara que diversas questões podem ser exploradas pelas crianças por meio do livro. O mais importante é que o professor favoreça a interação dos pequenos com a obra escolhida, permita que eles falem, questionem e comparem trechos com situações vivenciadas, a fim de que reflitam e adquiram lições boas para suas vidas.

Portanto, ao saber que a contação de histórias não é uma prática simples que pode ser executada de qualquer forma, alguns autores como Fonseca (2012), Dohme (2000), Souza e Bernardino (2011) destacam que determinadas posturas precisam ser adotadas pelo professor no processo narrativo, ao se tratar do seu tom de voz, postura, imitações, repetições e entre outras. Dohme (2000, p.30) salienta alguns elementos que podem contribuir para uma contação de qualidade, descritos no quadro abaixo:

Quadro 2 – Elementos primordiais para a narrativa oral.

Dicção	É frequentemente culpada quando uma mensagem não é entendida. Se as palavras não forem bem pronunciadas, a mensagem é recebida de forma truncada, porque a não-compreensão de uma palavra pode levar à incompreensão de toda a frase, e não entender uma frase pode prejudicar o entendimento de toda a história. O pior é que, se a dicção for ruim, não é só uma palavra que não é entendida, são várias. No final, a comunicação é reduzida a uma sucessão de palavras
--------	---

	incompreensíveis, apenas porque não se cuidou de falar claramente palavra por palavra, ou, para ser mais exato, sílaba por sílaba. Para ter boa dicção, o primeiro passo é tomar o cuidado de pronunciar de forma clara cada uma das sílabas que compõem a palavra, sentindo cada um dos seus sons.
Volume	Embora pareça ser uma coisa simples, o principal problema que impede a compreensão de um discurso ou narração é quando ele é feito em voz muito baixa. As pessoas simplesmente não escutam... O narrador deve ter consciência de que ele não está à mesma distância das pessoas do que quando está conversando informalmente. Outro fator é que, quando se está próximo, as pessoas complementam a interpretação por meio dos movimentos dos lábios e das expressões faciais, o que também fica prejudicado com a distância. O inverso é muito desagradável: falar alto demais, gritando. Assim, pessoas que estão falando em público devem ajustar o volume da voz à situação em que se encontram. Cada ambiente exigirá um volume de voz adequado e isto precisa ser avaliado.
Velocidade	A velocidade pode ser medida pelo número de palavras que uma pessoa pronuncia em um espaço de tempo determinado. Cada narrador tem uma velocidade na fala, isto é uma característica individual. Mas deve-se cuidar quando esta velocidade influi na compreensão do texto. A velocidade está muito ligada à boa dicção. Quem estiver com a sua dicção em desenvolvimento, precisa obrigatoriamente falar mais devagar, para ajudar na compreensão da sua comunicação.
Vocabulário	Outro fator importante: as pessoas podem não estar entendendo a comunicação simplesmente porque não conhecem o sentido das palavras que estão sendo usadas. Principalmente quando estamos falando com crianças. Também neste caso a não-compreensão de uma palavra prejudicará o entendimento de toda a frase. A incompreensão de uma frase pode levar a uma sucessão de incompreensões, que acaba levando ao desinteresse e à desistência em acompanhar a narrativa. O correto é usar palavras simples, das quais se tem a certeza absoluta de que as crianças as entenderão. Jamais usar gírias ou palavras vulgares: isto desprestigiaria o conto e poderá dispersar a atenção das crianças.
Expressão corporal	O bom narrador não se senta e fica falando, impávido. O corpo deve acompanhar o que está sendo descrito. Todo corpo fala: a posição do tronco, os braços, as mãos, os dedos, a postura dos ombros, o balanço da cabeça, as contrações faciais e a expressão dos olhos. Os gestos devem estar coerentes com a narração, usados para reforçá-la. Os gestos nunca devem ser usados de forma não calculada, sistemática, principalmente quando se está contando uma história. Isto irá confundir a platéia, ainda mais se estiver composta de crianças.
Comunicação do semblante	As emoções do nosso interior são transmitidas através da expressão do rosto. Tristeza, alegria, surpresa, espanto... A expressão facial poderá falar mais do que muitas palavras. Para desenvolver esta técnica é preciso treino. Temos que ter consciência de que é necessário exagerar um pouco quando se está interpretando. Não se deve ter medo do ridículo. Muitas vezes as pessoas têm o sentimento e por isso acham que estão transmitindo, mas isto pode não ser verdade. O narrador pode até estar sinceramente emocionado, mas se a sua fisionomia estiver transmitindo pouco,

	ninguém perceberá e sua tarefa não será bem cumprida. O treino na frente do espelho auxiliará bastante.
Uso do silêncio	Pode parecer até engraçado, mas o silêncio fala, é uma forma de expressão. O narrador deve utilizar pausas, pois elas dão uma sensação de suspense e, conseqüentemente, valorizam o que se falará em seguida. Além disso, paradas bem estudadas dão tempo para as crianças organizarem suas idéias. Deve-se cuidar para não exagerar, pois se uma pausa for muito longa, dará ensejo para alguma brincadeira que poderá dispersar a atenção.
Fazer imitações	Este é um instrumento muito útil em se tratando de narração de histórias infantis. O monstro fala grosso, grave, alto, pausadamente! O seu corpo é truculento, o que se consegue mostrar com as pernas afastadas e "arredondadas", com o pescoço esticado movimentando-se em conjunto com a cabeça. A princesinha tem uma voz adocicada, seus gestos são comedidos, graciosos, harmoniosos, como em uma postura de ballet clássico. Enfim, a imitação traz a brincadeira e as crianças estão sempre prontas para isso.

Fonte: Livro: Técnicas para contar histórias de Vânia Dohme (2000)

Além desses elementos indispensáveis, há outros recursos auxiliares como o uso de fantoches, palitoques, dedoches, teatro de sombras e cenários de papel que tornam a narrativa mais alegre, dinâmica e atrativa. Os fantoches são bonecos produzidos comumente com tecidos em que no momento da sua elaboração é deixada uma abertura na parte inferior para colocar a mão e manipulá-los, semelhantes a uma luva. Já os palitoques são confeccionados cuja haste de apoio ao corpo são os palitos. E por fim os dedoches, que tem seu apoio mediante a dois círculos na imagem escolhida para encaixar os dedos.

Um recurso também utilizado para a contação de histórias é o teatro de sombras, que teve sua origem na Ásia e apresenta uma capacidade incrível de encantar aqueles que assistem. Este teatro pode ser produzido com uma caixa de papelão, com um de seus lados abertos para que seja colocado um papel vegetal ou tecido branco nesta abertura. Utilizando uma luz ao fundo e palitoques com as silhuetas dos personagens é projetado à sombra das figuras recortadas.

Outro elemento que merece destaque são os cenários em papel que também pode ser feita com caixa de papelão. Dependendo da história, pode ser construído um castelo, um parque, floresta, praia e utilizar como complemento desse cenário os fantoches palitoques ou dedoches.

Desta maneira, vimos o quanto a contação de histórias pode ser um canal para que as crianças obtenham o gosto pela leitura e por esta razão precisa ser realizada com qualidade e prudência para que as práticas sociais de leitura sejam agradáveis a elas. Além disso, o uso dos elementos citados relacionados à voz e os recursos lúdicos contribuem consideravelmente para tornar o momento extraordinário.

4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA

A ação de pesquisar para um aluno graduando é buscar respostas para as suas indagações. É investigar para entender como determinadas coisas ocorrem no nosso cotidiano, por meio de quê, como, onde, e etc. Este ato promove no educando, o pensamento crítico e reflexivo, que possibilita que ele aja e contribua por meio do seu processo investigativo na solução e/ou na clareza de algumas problemáticas corriqueiras. De acordo com Minayo (2002),

Entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. (MINAYO, 2002, p. 17).

Sendo assim, a pesquisa precisa ser pensada se tratando do seu procedimento metodológico, que nada mais é do que o caminho a ser trilhado durante a investigação e análise dos fatos coletados. Ou seja, por qual caminho você deseja percorrer? Qual a razão de você o escolher? De que modo decidiu analisar? Entre outras questões norteadoras.

Acerca desta relevância, este capítulo apresenta o percurso metodológico da pesquisa realizada, expondo o tipo de pesquisa, local, sujeitos envolvidos, sua abordagem, instrumento de geração de dados, bem como o método de análise adotado para a discussão dos dados.

A pesquisa teve como foco a prática docente, se tratando da sua contribuição e motivação para formar leitores por meio da contação de histórias na Educação Infantil. Logo, pensando em compreender de que forma as professoras enxergam essa prática no seu cotidiano, preferiu-se adotar uma pesquisa descritiva e explicativa por ser responsável por detalhar o fenômeno. Para Gonsalves (2011),

A pesquisa descritiva objetiva descrever características de um objeto de estudo. Dentre os quais estão os que atualizam características de um grupo social, nível de entendimento do sistema educacional, como também aqueles que pretendem descobrir a existência de relações entre variáveis (GONSALVES, 2011, p. 67).

O processo descritivo visa à identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo. Já a pesquisa explicativa pretende “verificar os fatores que contribuem para a ocorrência e o desenvolvimento de determinado fenômeno” (ibidem, 2011, p. 68). Buscando, à vista disso, as razões das coisas, o porquê dos fenômenos, uma vez que aprofunda o conhecimento de uma dada realidade.

Além disso, o presente trabalho voltou-se ao âmbito da pesquisa de campo em que teve como foco buscar e analisar informações diretamente com a população pesquisada, visto que, este tipo de procedimento possibilita a aproximação do pesquisador com o objeto de estudo. Para Gonsalves (2011),

A pesquisa de campo é aquela que exige do pesquisador um contato mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre –ou ocorreu- e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. Muitas pesquisas utilizam esse procedimento, sobretudo aquelas que possuem um caráter exploratório ou descritivo. (GONSALVES, 2011, p. 69).

Primeiramente, ficou acordado em ir até a instituição e solicitar a autorização da gestora para efetivar a pesquisa. A temática foi apresentada a ela, juntamente com os objetivos, e prontamente a mesma permitiu e acatou o pedido que foi oficializado com o termo de Solicitação de Autorização para Pesquisa, assinado e carimbado pela diretora da escola. Ademais, o tema também foi apresentado as docentes da Educação Infantil que aceitaram participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE como comprovação das suas colaborações durante o processo.

Desse modo, a pesquisa de campo foi desenvolvida na Escola de Educação Básica - EEBAS, nas seguintes turmas: Infantil III, IV e V e teve duração de aproximadamente 25 horas, sendo subdivididas em aplicação dos questionários semiestruturados e seis observações de contações de histórias realizadas pelas professoras.

A escola

A Escola de Educação Básica - EEBAS (pública/federal), está localizada no Município de João Pessoa/PB dentro da Universidade Federal da Paraíba Campus I, no bairro Castelo Branco III. Foi fundada em 21 de Setembro de 1988 e atualmente desenvolve o trabalho pedagógico destinado a Educação Infantil e ao Ensino Fundamental Anos Iniciais nos turnos

manhã (07h15min - 11:15) e tarde (13h00 - 17h15min). O quadro abaixo exhibe as turmas disponíveis nos dois turnos:

Quadro 3 - Turmas: Educação Infantil e Fundamental I

INFANTIL	FUNDAMENTAL I
Infantil III	1º ano
Infantil IV	2º ano
Infantil V	3º ano
-	4º ano
-	5º ano

Fonte: Site da EEBas (<http://www.ce.ufpb.br/eebas>)

A EEBas é uma escola bastante ampla, arejada, repleta de árvores na área externa e interna, possui um parquinho com casas, escorregos, pneus coloridos e trem de concreto, local em que as crianças da Educação Infantil aproveitam a recreação, explorando os diversos ambientes e objetos do parque.

Além do parque, a escola conta com dois grandes pátios, onde são realizadas as apresentações dos alunos, atividades com estagiários e professores, brincadeiras das turmas do fundamental, entre outras utilidades. Em relação a quantidade de salas de aula são 8 e elas são divididas entre a educação infantil e o ensino fundamental nos turnos manhã e tarde.

Sendo assim, a instituição contém 8 salas de aula, 5 banheiros para alunos e 2 para funcionários, sala da coordenação pedagógica, sala da direção, secretaria, almoxarifado onde contém os materiais da escola como: colas, papéis, lápis, e.v.a, etc. 1 refeitório, 1 sala dos profissionais de nutrição, cozinha, sala dos professores, brinquedoteca, sala de artes, biblioteca, sala multifuncional, sala de materiais (colchonetes, piso emborrachado...) e enfermaria.

A escola também conta com uma equipe de profissionais nos seguintes cargos: auxiliar em administração, copeira, nutricionistas, pedagogas, psicólogas, cozinheiras, técnicos e auxiliares em enfermagem, assistente social, coordenadores, porteiros e auxiliares de serviços gerais que compõem e agregam significativamente no trabalho da escola.

Os alunos e crianças matriculados nessa escola são filhos ou familiares de funcionários da Universidade, como também moradores de bairros próximos a UFPB. Logo, o público frequentador são de classe baixa e média. Vale destacar que é realizado um sorteio pela gestão da escola, para que assim todos possuam a chance de serem contemplados com uma matrícula na Escola de Educação Básica.

Sujeitos Envolvidos

Tendo o trabalho intitulado "Contação de histórias na Educação Infantil: a contribuição da prática docente na formação de leitores" se fez necessário focar e direcionar os estudos às práticas dos professores. Logo, esta pesquisa contou com a participação de 3 (três) professoras da Educação Infantil da Escola de Educação Básica, formadas em pedagogia, mestres e dotorandas. Vale destacar, que não foi possível abranger as docentes dos dois turnos pela inviabilidade de horário para realizar a pesquisa.

Mediante aos objetivos adotados neste trabalho, buscou-se utilizar a abordagem de pesquisa qualitativa, que segundo Neves (1996) “compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados.” Entretanto, objetiva uma melhor compreensão através da descrição gerada pelo objeto de estudo, que fornecerá o seu ponto de vista em relação ao assunto proposto, focando em suas particularidades e experiências ocorridas no universo social.

Pensando em identificar e analisar a compreensão e importância dada pelas professoras sobre o ato de contar histórias, sentiu-se necessário aplicar um questionário semiestruturado (com perguntas abertas e fechadas), composto por 9 (nove) questões sobre a contação de histórias na Educação Infantil.

Por meio desta técnica, o observador conseguirá identificar o posicionamento e a significação dada pelos observados sobre algum assunto, neste caso, sobre a contação de histórias como um dos procedimentos responsáveis pelo incentivo a leitura na educação infantil.

Após as docentes terem respondido aos questionários, foram feitas leituras dessas respostas pela pesquisadora que decidiu adotar mais um tipo de procedimento para analisar, no caso: as observações. Com este instrumento, o observador consegue relacionar as respostas escritas nos questionários com as práticas das professoras. Sendo assim, foi adotado o método da observação simples que segundo Gil (2008),

É aquela em que o pesquisador, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que ali ocorrem. Neste procedimento, o pesquisador é muito mais um espectador que um ator [...] (GIL, 2008 p. 101).

Logo, a observação é um elemento fundamental na pesquisa, ele é defendido por Gil por ser um método capaz de perceber os fatos diretamente, sem qualquer intermediação, embora provoque alterações no comportamento dos observados, que prejudica a espontaneidade dos mesmos por se sentirem vigiados.

Os dados foram gerados a partir dos dois instrumentos elencados: questionários semiestruturados e seis observações das narrativas efetuadas pelas professoras das turmas do Infantil III, IV e V. A análise é outro passo importante da pesquisa, é nele que consistirá os resultados dos objetivos do trabalho, da hipótese e do problema, formulados no pré-projeto.

Desse modo, o próximo tópico consiste na apresentação e discussão das informações coletadas na pesquisa por meio dos instrumentos de geração de dados, com o objetivo de revelar aos leitores deste trabalho os resultados obtidos.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS EMANADOS DA PESQUISA

Neste tópico, apresentaremos os dados obtidos por meio da pesquisa de campo, analisando-os e discutindo-os de forma fundamentada, demonstrando assim, o posicionamento dos autores referente à formação leitora das crianças na Educação Infantil. Sobre a análise e a interpretação de dados, Prodanov e Freitas (2013) expõem que,

Essa fase da pesquisa, analítica e descritiva, prevê a interpretação e a análise dos dados tabulados, os quais foram organizados na etapa anterior. A análise deve ser feita a fim de atender aos objetivos da pesquisa e para comparar e confrontar dados e provas com o objetivo de confirmar ou rejeitar a(s) hipótese(s) ou os pressupostos da pesquisa. A análise e a interpretação desenvolvem-se a partir das evidências observadas, de acordo com a metodologia, com relações feitas através do referencial teórico e complementadas com o posicionamento do pesquisador (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 112).

Mediante a isso, destaco novamente as hipóteses para que possamos observar se elas serão confirmadas ou rejeitadas, tendo em vista que a mesma trata-se de uma possível resposta ao problema de pesquisa, ou seja, não é uma verdade absoluta, mas sim uma suposição que se apresenta antes da obtenção dos resultados.

As hipóteses foram criadas com base na participação no Programa Residência Pedagógica - RP, em que os contatos iniciais foram dedicados às observações em sala de aula. Tendo a contação de histórias como uma prática de gosto pessoal, passei a observar as ações leitoras das docentes nas turmas da Educação Infantil.

Durante as observações executadas duas vezes por semana, notou-se a rara prática de narrativas orais, no entanto quando vistas, algumas crianças não demonstravam envolvimento com a contação, vez que se mostravam dispersas. Em razão disso, surgiu a inquietação e a formulação das seguintes hipóteses: As docentes não possuem o conhecimento sobre a pertinência da contação de histórias na formação leitora das crianças, por esta razão a ação é pouco executada; Tendo em vista a falta de compreensão sobre a narrativa oral, as professoras desconhecem as técnicas sugeridas para chamar a atenção dos pequenos, antes, durante e após a história.

Posto isso, para verificar se essas hipóteses se confirmam ou não, foram formulados objetivos e técnicas de coleta e produção dos dados. Seguidamente, direcionei-me até a escola-campo para solicitar a autorização da pesquisa. A Escola de Educação Básica foi

escolhida por ser a mesma das experiências e inquietações surgidas na Residência Pedagógica, por isso, não foram envolvidas na pesquisa, outras instituições. Vale destacar que, por ser uma escola pública/federal, a expectativa de profissionais capacitados é maior, por terem mais oportunidades de estudos dentro da Universidade.

A construção da análise deu-se a partir dos instrumentos formulados e aplicados para a obtenção dos dados, que foram os seguintes: questionários semiestruturados, compostos por nove questões abertas e fechadas, tendo como segunda etapa as observações simples das contações de histórias.

Diante dos dados gerados, esta análise foi pensada e organizada em torno de quatro eixos, buscando assim, facilitar a compreensão do leitor acerca deste trabalho sobre as indagações colocadas, bem como as respostas adquiridas por meio delas. Os eixos sistematizados são os seguintes:

- Participantes da pesquisa
- A prática narrativa e os critérios para as escolhas dos livros
- Metodologias e técnicas para a contação
- A contribuição da contação de histórias para a formação leitora e os desafios da prática

Vale destacar que a análise dos questionários dialoga com as observações simples, feitas durante as contações de histórias das professoras das turmas do Infantil III, IV e V.

Participantes da pesquisa

As integrantes desta pesquisa foram três professoras das turmas de Educação Infantil, sendo elas: III, IV e V da Escola de Educação Básica - EEBas. Pensando na preservação da identidade das docentes, nos referiremos a elas como, Docente A; Docente B e Docente C.

Após termos realizado a visita à instituição para a autorização da pesquisa, a gestora solicitou que fôssemos nas turmas do Infantil pedir um momento da atenção das professoras para convidá-las a participar da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso sobre contação de histórias. Depois de ter feito isso, as professoras aceitaram e prontamente pediram para explicar como funcionaria a pesquisa.

Desta forma, tendo aceitado contribuir com a pesquisa, sugerimos um dia para que elas pudessem responder aos questionários que tratavam-se da contação de histórias como uma atividade lúdica para formar leitores. Este instrumento foi responsável por identificar

como a narrativa é vista pelas professoras e se há alguma importância dada por elas a esse procedimento.

A primeira página do questionário apresenta um texto que menciona: o nome do pesquisador, período, universidade, título do trabalho, orientador e um pedido aos participantes relacionado à atenção, disposição e colaboração durante o processo. Mais abaixo destacamos os dados de identificação que consiste em apresentar o nome da professora, sexo, formação, série que leciona, turno e quantidade de tempo na função atual que exercem. O quadro abaixo apresenta os perfis das participantes, mantendo em sigilo o nome e o turno em que lecionam.

Quadro 4 - Perfis das participantes

IDENTIFICAÇÃO:	DOCENTE A	DOCENTE B	DOCENTE C
SEXO:	Feminino	Feminino	Feminino
FORMAÇÃO:	Pedagoga, Mestre e Doutora	Pedagoga, Mestre e Doutoranda em Educação	Pedagoga e Mestre em Educação
SÉRIE EM QUE LECIONA:	Infantil III	Infantil IV	Infantil V
TEMPO DE TRABALHO NA FUNÇÃO ATUAL:	1 ano e 6 meses	1 ano	7 anos

Fonte: Instrumento do pesquisador (questionário)

Após o preenchimento dos dados de identificação, as professoras iniciaram a leitura das perguntas referente à temática, como prática que favorece o incentivo e o hábito da leitura no cotidiano das crianças. Neste momento, o objetivo era deixá-las o mais confortável possível para responder as questões sem pressa ou interferência.

A prática narrativa e os critérios para as escolhas dos livros

Conhecer a importância ou a irrelevância de qualquer prática dentro e fora da sala de aula, demonstra o cuidado e a preocupação do professor com a formação dos alunos. E referindo-se a contação de histórias não é diferente, esse meio de escuta pode representar algo prazeroso para criança, mas também pode significar desconforto, impaciência e desprezo, tudo dependerá de como esse incentivo será transmitido a ela.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil revela a pertinência desse ato quando aponta que:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence (BRASIL, 1998, p.143).

Portanto, podemos dizer que a contação de histórias vai além do simples gosto de sentar e ouvir alguém contá-las. Esse momento pode auxiliar aos pequenos a construir suas ideias, sentimentos e valores, além do que, essa postura estimuladora pode ser responsável por formar leitores críticos, reflexivos e criativos.

Tendo em vista que o docente pode ser um canal estimulador à leitura, decidimos inserir três quesitos iniciais no questionário que consideramos responsáveis por dar continuidade à segunda etapa da pesquisa, na qual utilizou-se de observações.

A figura abaixo apresenta as três questões mencionadas que questionam se o ato de contar histórias está presente ou não na prática do educador, com que frequência ele executa os momentos de leitura e se concorda com uma frase que alega que a narrativa oral é um estímulo do gosto pela leitura. Antes de realizar as observações sobre a narrativa, foi dada a preferência pela aplicabilidade do questionário, pois permitiria a pesquisadora saber se as docentes prezam ou não pela leitura de histórias.

Figura 1 - Questionário

1. O ato de contar histórias está presente em sua prática docente?

Sim ☐ Não ☐

2. Com que frequência você narra histórias para a turma?

☐ Não costumo contar histórias

☐ Uma vez por semana

☐ Mais de uma vez por semana

☐ Uma vez por mês

☐ Apenas quando a coordenação propõe

Outros: _____

3. “A contação de histórias é um instrumento importante para o desenvolvimento do gosto pela leitura.”

☐ NÃO CONCORDO ☐ CONCORDO ☐ CONCORDO PARCIALMENTE

Fonte: Instrumento da pesquisa

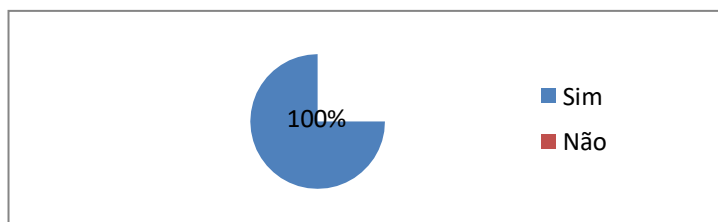
Sendo assim, tendo respondido as três primeiras perguntas apresentadas na imagem acima, foi possível identificar que as Docentes A; B; C adotam a contação na sua prática, executando-a durante a semana e enxergando-a como um instrumento capaz de promover o gosto pelo ato de ler.

Sabendo disto, notamos que as professoras compreendem que a contação é um recurso importante na vida dos pequenos, se não, não haveria necessidade em utilizá-las nas suas ações educativas. Para Faria et. al (2017, p. 36),

A arte de contar histórias no meio educativo não tem fins somente de recreação, é uma atividade rica, valiosa e produtiva que, quando bem utilizada, contribui para aprendizagens múltiplas. Portanto, deve ser feita por meio de um planejamento prévio por parte do professor, com objetivos claros e metodologia consistente aliada aos projetos pedagógicos da instituição.

Para uma melhor visualização das respostas obtidas das três primeiras perguntas, segue os gráficos que as representam:

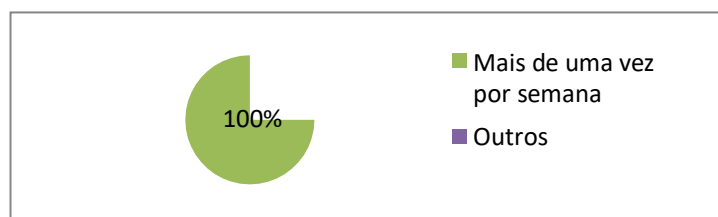
Gráfico 1 - O ato de contar histórias está presente em sua prática docente?



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

O gráfico 1 mostra de forma clara que as professoras da educação infantil que responderam aos questionários, possuem a contação de histórias em sua prática, visto que, todas responderam que "sim" totalizando 100% da resposta.

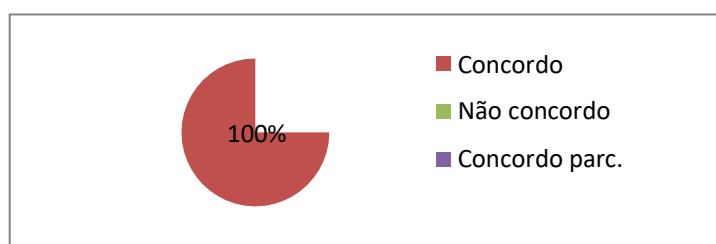
Gráfico 2- Com que frequência você narra histórias para a turma?



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Em relação ao gráfico 2, questionamos as professoras com que frequência elas realizam as narrativas orais para os seus alunos, podendo ser as seguintes: Não costumo narrar histórias; Uma vez por semana; Mais de uma vez por semana; Uma vez por mês; Apenas quando a coordenação propõe. Analisando as informações, percebemos que todas marcaram: mais de uma vez por semana, totalizando então, 100% das respostas.

Gráfico 3 - "A contação de histórias é um instrumento importante para o desenvolvimento do gosto pela leitura."



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Disposta em identificar se as docentes enxergam o ato de contar histórias como um instrumento importante e responsável para o desenvolvimento do gosto pela leitura, foi lançada no questionário a frase afirmativa acima. Ao observar a posição de cada uma, notei que todas as professoras afirmaram concordar com a frase, totalizando os 100% apresentados no gráfico.

Desse modo, reconhecer a contação de histórias como um instrumento para o desenvolvimento intelectual das crianças e a executar, já é algo positivo no fazer docente, porém, vale destacar, que há critérios de suma importância que precisam ser levados em consideração, como por exemplo, a escolha dos livros.

Escolher um livro para narrar pode ser aparentemente fácil, normalmente algumas pessoas visualizam a capa, abrem o livro e inicia a história sem ao menos ter feito uma leitura prévia. Ler antes de contar para alguém é ser cauteloso com as informações que serão passadas, pois a ideia não é confundir o ouvinte com palavras difíceis ou conceitos distorcidos. Segundo Abramovich (2008, p. 20),

[...] Ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita... Assim quando chegar o momento de narrar à história, que se passe a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que, por isso, chega ao ouvinte.

Partindo dessa ideia, precisamos entender que não é sempre que todos os livros apresentam um conteúdo bom, não são todos que apresentam uma trama bacana ou até mesmo uma história inspiradora, às vezes, os livros apontam características de preconceitos e racismos, que em certas situações são quase imperceptíveis. Quando pensamos na palavra "livro" automaticamente imaginamos algo culto, de informações relevantes, mas esquecemos de que cada um possui uma história e para saber se realmente vale a pena, precisamos ler.

A fim de entender e de identificar como as professoras da EEBAS decidem sobre as escolhas dos livros, foram realizadas seis observações das narrativas, duas da Docente A; duas da Docente B e duas da Docente C. No questionário continha uma pergunta sobre de que forma ocorre esse processo de escolha, apresentado da seguinte forma: "Como ocorre o processo de escolha dos livros para a execução da contação de histórias?".

Em resposta a esse questionamento, a Docente A respondeu: "A escolha é feita a partir da adequação à faixa etária; Tentativa de diversificar os gêneros e suportes; Temáticas de interesse da criança".

Dessa forma, vemos que a docente se preocupa em apresentar livros que chamem a atenção das crianças da sua turma e que estes sejam de acordo com a idade dos pequenos, ou seja, três anos (Infantil III), visto que livros de conteúdos mais complexos, não serão interessantes para crianças com essa idade, pois existem informações e palavras que talvez não façam parte do seu cotidiano, além de histórias difíceis de entender, que só causarão confusões mentais.

Crianças de três anos gostam de imaginar, criar, sonhar e por esta razão os livros precisam dar conta dessas particularidades. "A literatura deve ser apresentada a criança com textos adequados a sua faixa etária, há categorias de leitor, as quais classificam leitores a partir da sua faixa etária, de seu desenvolvimento cronológico, seu amadurecimento, entre outros fatores" (COELHO, 2000 *apud* SOUSA; STRAUB, 2014, p.125).

Ao observar à primeira contação de história da Docente A, nota-se que ela se preocupou em levá-los para um local tranquilo da escola que segundo a mesma, é onde costuma realizar as narrativas. Em seguida, pediu que as crianças sentassem ao chão e formassem uma roda. Feito isso, ela informou que havia trazido uma história "bem legal" e que iria ler. Aparentemente animadas e ansiosas em descobrir, as crianças sentaram e ficaram atentas ao nome do livro.

Em clima de mistério, a docente pediu que as crianças tentassem adivinhar sobre do que se tratava a história, e ao observar a capa, algumas mencionaram "Sobre ursos"; "Fala de brinquedos"; "Sobre o avião", e etc. Após as crianças terem dado suas hipóteses, a professora

informou o nome do livro: "Quem quer brincar comigo?" e em seguida explorou a capa, apresentando o autor e o ilustrador.

Figura 2 - Escolha do livro pela Docente A (1ª observação) ³



Fonte: Instrumento da pesquisa

Durante a leitura, a professora comumente mostrava as imagens e pedia para que as crianças dissessem o que viam, "Gente, quem estava batendo a porta para brincar?"; "que sons esses animais fazem?" Essas indagações as deixavam inteiradas na história. Ao finalizá-la, perguntei por qual razão ela havia escolhido aquela história, e prontamente ela respondeu: "A história fala de brincadeiras, animais e de amizade, estas coisas fazem parte do contexto deles, por isso a escolha".

Referente à 2ª observação, a Docente A inicialmente desempenhou o mesmo procedimento, solicitou que as crianças formassem uma roda, depois de terem feito isso, cantaram a música da acolhida chamada "Boa tarde!", em seguida conversaram sobre o dia, como estavam se sentindo e sem demora partiu para o mistério do título. Ao mostrar a capa, algumas crianças disseram: "É a história do ratinho, tia!"; "Do rato que gosta de morango"; "Do morango gigante!"; e não faltaram hipóteses.

³Autor: Tino Freitas; Ilustrador: Ivan Zigg; Ano: 2011. Neste livro de Tino Freitas, ele retorna na voz dos vários animais que tocam a campainha da casa da menina que mal começara a ler o seu livrinho. A graça desse livro está na surpresa que cada desdobrar de página reserva ao leitor. Pois a cada vez que a menina abre a porta e que o leitor desdobra a página se deparam com um dos amigos de nome engraçado. O texto, rimado e divertido, chama constantemente o leitor a participar./ <https://books.google.com.br/books>

Figura 3 - Escolha do livro pela Docente A (2º observação)⁴



Fonte: Instrumento da pesquisa

Após ter permitido que as crianças levantassem suas ideias sobre o conteúdo do livro, a professora explorou a capa, revelou o título, autor e ilustrador (explicando a função de cada um) e depois informou o título: "O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado". Ao mostrá-las, algumas crianças falaram: "Nossa! eu já vi um rato na minha casa"; "Ainda bem que na minha casa não tem morango", diálogos estes, que fizeram a crianças da "caírem" no riso.

Durante a leitura, a docente buscava fazer perguntas do tipo: por que será que ele fez isso? Quem gosta de morango? permitindo assim, as crianças interagirem e focarem na história. À vista disso, Fonseca (2012, p. 50) declara que "o mais importante é abrir espaço para que as crianças façam seus comentários, para que dialoguem sobre o que ouviu/leu e tudo o que surgir a partir da leitura."

Referente a essa mesma questão, a Docente B respondeu: "Procuro alinhar os livros com a escolha do tema referente à sequência didática trabalhada." Ou seja, é a partir do assunto preparado no planejamento que a professora pensa em livros que dialoguem com o que será estudado.

⁴Autores: Don e Audrey Wood; Ilustrador: Don Wood; Ano: 2017. Esta é uma divertida fábula sobre a esperteza dos pequenos contra a força dos gigantes. O ratinho que protagoniza as cenas tenta esconder um morango maduro de um grande urso que, aliás, não aparece na história. Um interlocutor oculto, mais esperto ainda que o rato (e com o qual a criança se identifica), é quem vai narrando a história, ao mesmo tempo que convence o ratinho a dividir o morango com ele./ <https://books.google.com.br/books>

Fonseca (2012) define o conceito e o uso da sequência didática:

Como o próprio nome já diz, são formadas por sequência de atividades ordenadas e articuladas para trabalhar e/ou aprimorar conteúdos específicos que o professor avalia como importantes e necessários para a aprendizagem de seu grupo. O professor cria um foco sobre determinado conteúdo, oferecendo desafios aos alunos, levando em conta o que eles já sabem e o que precisam saber (FONSECA, 2012, p.61).

Desse modo, para verificar se a resposta dada no questionário confere com a prática da professora, seguimos para a 1ª observação da contação de histórias na turma do Infantil IV.

No primeiro momento, a professora levou as crianças para uma sala que fica em frente à turma e pediu que elas sentassem, formando um círculo. Depois de terem feito isso, iniciaram um cântico chamado de "Boa tarde" em libras, como uma forma de preparar o ambiente, tornando-o agradável.

No diálogo, a professora questionou: vocês lembram sobre o que estamos estudando? Ao que algumas crianças responderam: "Sobre Clóvis Junior", pintor, escultor e gravurista brasileiro. E depois, de forma breve, ela passou a revisar sobre o trabalho dele, chamado de Arte Naif.⁵ Em seguida, a mesma informou para as crianças que elas receberiam uma visita especial e todos ficaram ansiosos perguntando quem seria.

Enquanto as crianças esperavam e questionavam-se sobre o visitante, a professora chegou com um fantoche (chamado vovô Felício) para falar e explicar sobre uma obra de Clóvis Junior em forma de história. Nisso, o personagem Felício se apresentou como amigo do artista e contou como ele produziu aquela obra, que cores utilizou, quem estava na imagem, entre outras características.

Claramente vemos que a ideia de criar uma história sobre o artista e sobre a sua obra, estava relacionado com a sequência didática planejada pela professora, ela não decidiu simplesmente falar sobre ele do nada, pelo que foi informado e percebido, as crianças vinham trabalhando e conhecendo sobre Clóvis durante a semana.

⁵A intensidade de suas cores chama a atenção pela criação de massas visuais separadas por contornos finos. O recurso dá aos seus trabalhos grande leveza e as figuras parecem flutuar no espaço nas mais diversas situações. O trabalho de Clóvis com a cor é mais importante do que o desenho ou a escolha da temática. Estas duas podem nos enganar à primeira vista, mas é nas soluções cromáticas que o artista, nascido na Guarabira, Estado da Paraíba, e radicado em João Pessoa, encanta. Desde a sua estréia, aos 18 anos, em 1983, soluciona plasticamente suas composições pelas distribuição colorística harmoniosa e agradável à vista./ <http://www.clovisjunior.com.br/>

Se tratando da 2ª observação, inicialmente a professora informou que os alunos estavam estudando sobre o folclore, dando ênfase nas lendas. Logo, neste dia, ela decidiu narrar sobre a Lenda do Curupira, utilizando palitoches e um cenário representando a floresta.

Figura 4 - Escolha da história pela Docente B (2ª observação)⁶



Fonte: Instrumento da pesquisa

Antes de iniciar a contação, a professora sentou ao chão com as crianças e em seguida pediu que elas adivinhassem por meio do cenário sobre do que se tratava a história. Prontamente, as crianças responderam: "Da floresta; "Do parque"; "Deve ser a história do Curupira". Após o diálogo, ela pediu a atenção e concentração para o momento e iniciou a história, revelando ser do Curupira.

Embora a professora não tenha utilizado o livro (material físico) na primeira contação, ela criou uma história e transmitiu oralmente sobre um assunto que as crianças vinham estudando. Referente à segunda contação, também não foi utilizado livro, mas de acordo com a professora, a história folclórica foi lida em um livro por ela antes.

A Docente C também respondeu a questão sobre a seleção dos livros e afirmou escolher: "Pelo autor (a), qualidade do texto e das ilustrações e a professora gostar do texto, porque o contador precisa gostar da história."

Ao mencionar "porque o contador precisa gostar da história" transparece um cuidado com os ouvintes, pois quando afirmamos gostar de algo, significa dizer que aquilo nos faz bem, nos deixa feliz, é algo bom e transmiti-lo para alguém é tentar fazer com que eles sintam essas mesmas sensações.

De início, ao observar a 1ª contação, a professora declarou que havia levado um livro "show" que gostava bastante, e então isso despertou a curiosidade das crianças que

⁶O curupira, um dos personagens mais famosos do folclore brasileiro, é conhecido como um ser mítico que protege a floresta. Sua lenda tem origem nos povos indígenas, sendo muito famosa no Norte do Brasil, sobretudo no Amazonas e Pará. Essa lenda é bastante antiga, havendo menção a ela do século XVI./ <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/curupira.htm>

rapidamente questionaram: "Qual é?"; "Cadê?"; "Mostra!"; "Conta!". Então, a mesma pediu que eles sentassem no chão e olhassem para ela. Juntos, eles cantaram a música "Hora da história", ficaram em silêncio e a professora iniciou.

Primeiramente, ela mostrou a capa, autor e ilustrador, logo após perguntou aos alunos quais eram as funções do autor e o ilustrador do livro, e alguns responderam: "O autor é quem criou a história", e em seguida, ela explicou também a função do ilustrador que é de extrema importância.

Feito isso, a professora perguntou as crianças sobre o título do livro, e rapidamente uma respondeu: "Sobre o curupira", isso porque na capa havia a imagem do personagem. Posteriormente, foi apresentado o título: Curupira, brinca comigo, do autor Lô Carvalho.

Figura 5 - Escolha do livro pela Docente C (1ª observação)⁷



Fonte: Instrumento da pesquisa

Ao analisar a resposta dada pela docente no questionário e ao observar a prática da mesma, percebeu-se que a escolha foi feita devido seu gosto pelo livro, pois ela mencionou para a turma que havia levado uma obra da qual gostava bastante, mas que também tinha relação com o conteúdo trabalhado, pois a turma estava estudando sobre o folclore/lendas.

Se tratando da última observação na turma do Infantil V, notei que o modo de iniciar a contação é sempre o mesmo: as crianças sentam no chão formando um círculo e em seguida cantam a música da "Hora da história". Porém, neste dia, as crianças pediram para cantar outras músicas como: Ciranda-cirandinha, o Sapo que não lava o pé e a boneca de lata, antes de iniciar a história.

⁷Autora: Lô Carvalho; Ilustradora: Susana Rodrigues; Ano: 2013. Criança pequena gosta de texto que repete. Neste livro, um menino insiste em convidar os seres do folclore brasileiro para brincar com ele. A cada convite, um novo ser imaginário entra na história - Curupira, Caipora, Cuca, Saci, Boto, Mapinguari, Iara e muitos outros. E no final todos brincam de saltar, correr, pular, gritar, cantar.../ <https://books.google.com.br/books>

Após a cantoria, as crianças sentaram e ficaram atentas ao livro que a professora estava em mãos. Inicialmente foi trabalhada a capa e seus elementos, enquanto as crianças tentavam adivinhar o título, ela informou que também tratava-se de uma história que gostava muito, pois era engraçada. Posteriormente, o título foi revelado "A casa mal assombrada", e as crianças se empolgaram e emitiram sons, afirmando serem fantasmas.

Figura 6 - Escolha do livro pela Docente C (2ª observação)⁸



Fonte: Instrumento da pesquisa

Em relação às duas observações exercidas por meio da contação da Docente C, percebeu-se que o que foi dito no questionário foi feito na prática, não houve distinções em suas respostas, aparentemente ela foi clara enquanto a sua escolha de livros para os alunos da sua turma. O mesmo ocorreu com as demais professoras observadas, se tratando da escolha dos livros para a narrativa, que foram pensados com cautela e escolhidos por serem bons os suficientes para provocarem a satisfação e a aprendizagem nos pequenos.

Metodologias e técnicas para a contação

A arte de contar e encantar não é algo simples, pois requer estudos, técnicas, habilidades e interesse em proporcionar às crianças um momento de leitura que seja mágico, capaz de despertar a curiosidade e de provocar nelas emoções como: alegria, surpresa, entre outras. Para isso, o professor contador precisa se preparar antes.

⁸ Autora: Edy Lima; Ano: 2011; A ovelha vivia feliz em sua linda casinha até o dia em que, ao abrir a porta, escutou um ruído esquisito. Parecia voz de alma penada. Tremeu de medo e correu para fora gritando. Mas, afinal, fantasmas existem? As casas podem ser assombradas? / <https://books.google.com.br/books>

Dohme (2000) está de acordo com essa afirmação ao apresentar que,

Temos que pesquisar, ler literatura especializada, feita para elas, conhecer heróis, sejam eles pertencentes aos desenhos animados ou histórias em quadrinhos, assistir a filmes, conhecer suas brincadeiras e preferências. É só desta forma que saberemos escolher, dentro de um repertório conhecido, qual história se adapta àquele assunto que desejamos (ou precisamos) abordar (DOHME,2000, p. 19).

A escolha do livro é uma das etapas que engloba a preparação do professor para a efetivação com qualidade da contação de histórias. Por exemplo, se alguém chega e apresenta algo que foge do contexto e do gosto do interlocutor, há uma grande probabilidade da pessoa ser ignorada por não ser algo atrativo, mas se for apresentado algo do interesse de alguém, há grandes chances de aceitação. Logo, pensar em livros e propostas metodológicas que vão de acordo com o gosto das crianças é possibilitar que estas se envolvam cada vez mais em práticas sociais de leitura.

A narrativa de histórias é constituída de três momentos, defendidos pela autora Fonseca (2012) que são executados antes, durante e depois da leitura. O professor precisa saber o que deve ser feito ao apresentar o livro, ao lê-lo e ao finalizá-lo. Não se pode simplesmente pegar um livro na estante, falar o título abri-lo e em seguida começar a leitura sem qualquer exploração da capa ou criação de mistério sobre do que se trata a história. O contador precisa explorar todos os elementos do livro, título, autor, ilustrador, editora, imagens, cores, etc. Afim de que as crianças interajam, questionem e consequentemente aprendam.

Interessada em identificar se as Docentes A; B e C conhecem e se preocupam com as etapas da leitura, foram feitas as observações que ajudaram a verificar essas interrogações. Resolvi colocá-las em um quadro especificando cada momento (antes,durante e depois da leitura) por ser uma forma clara de observar as similaridades e as desigualdades em cada ação docente.

Quadro 5 - Momentos da narrativa

ANTES DA LEITURA	DURANTE A LEITURA	DEPOIS DA LEITURA
Docente A * A professora solicitou que as crianças formassem uma roda no chão. * Cantaram músicas para a preparação do momento. * Apresentou os livros, provocando mistério. "Olhem a capa, vocês acham que é sobre o quê?"	Docente A *Mostrou as imagens presentes em cada página. * Modificou o tom voz, de acordo com cada personagem (suave, grosso...) * Questionava a ação dos personagens."O que ele vai fazer agora?" * Fez perguntas durante a	Docente A * Perguntou o que as crianças acharam da história. * Pediu para que elas elencassem os personagens presentes na narrativa. * Questionou as crianças sobre o que cada personagem fez. *Os alunos representaram as emoções dos personagens

*Explorou a capa (título, autor, editora e imagens) *Permitiu que as crianças adivinhassem o título da história.	história. *Pedi que as crianças imitassem os personagens.	(surpreso, assustado, feliz...)
Docente B *Solicitou que as crianças formassem um círculo. * Cantaram juntos, músicas para a preparação do momento. *Questionou as crianças sobre o que haviam estudado durante a semana. * Provocou mistérios ao questionar as crianças sobre o conteúdo das histórias. *Permitiu que as crianças adivinhassem o título da história.	Docente B *Não levou livros, mas narrou histórias. *Utilizou fantoche *Utilizou cenário *Narrou a história dialogando com as crianças. * Modificou o tom voz, a fim de entrar no personagem. *Fez perguntas durante a história. *Pedi que as crianças imitassem os personagens. *Permitiu que as crianças usassem a imaginação ao criar histórias para a tela.	Docente B * Perguntou o que as crianças acharam da história. * Permitiu que elas recontassem. *Questionou as crianças sobre o que cada personagem fez. * Pedi para que elas elencassem os personagens presentes na narrativa.
Docente C *Solicitou que as crianças formassem um círculo. *Cantaram juntos músicas para o momento da história. * Provocou mistérios ao questionar as crianças sobre os conteúdos das histórias. *Permitiu que as crianças adivinhassem o título da história. *Explorou a capa (título, autor, editora e imagem)	Docente C *Narrou a história dialogando com as crianças. * Modificou o tom voz, a fim de entrar no personagem. *Permitiu que as crianças escolhessem o tom de voz de cada personagem. *Fez perguntas durante a história. *Realizou pausas misteriosas para deixar as crianças curiosas.	Docente C * Perguntou o que as crianças acharam da história. *Questionou as crianças sobre o que cada personagem fez. * Pedi para que elas elencassem os personagens presentes na narrativa. *Pedi que as crianças imitassem os personagens.

Fonte: Dados produzidos na etapa de Observação simples

Desse modo, percebemos que cada docente apresentou um jeito de narrar às histórias, embora houvessem situações parecidas, como por exemplo, a roda musical em que as crianças formaram um círculo no chão e passaram a cantar músicas como uma forma de descontrair antes de se envolver com a história.

Além das crianças terem oportunidade de interagir com os colegas, elas se aproximam também das professoras que estão participando desse momento. Sentadas, elas conseguem se igualar as crianças e observá-las olho no olho. É importante que a criança se sinta segura e confortável com as pessoas e o ambiente onde acontecerá a narrativa, pois assim conseguirão se envolver com entusiasmo.

Outra situação que merece destaque é a exploração da capa e o incentivo para que as crianças adivinhassem o título da história. As Docentes A e C tiveram essa preocupação com os detalhes da capa, para que ao vê-la com seus ricos detalhes, as crianças pudessem entender que aquele livro não surgiu do nada, tiveram pessoas que trabalharam em sua produção até chegar à escola e naquele momento, nas mãos da professora.

Em relação ao levantamento de hipóteses sobre o título da história, é outra técnica adotada pelas três docentes observadas. Nela, as professoras permitem que as crianças observem a capa ou cenário utilizado e através do que enxergam tentem desvendar o assunto que a história trará, podendo usar a criatividade e a lógica das imagens.

Ademais, é preciso que haja mistério, descontração, interação e questionamento antes, durante e depois da leitura, como as Docentes A; B e C fizeram nas suas práticas. A criança em sua fase gosta de criar, sonhar e adivinhar coisas, logo, é nisto que o professor precisa se dedicar, para que ela aguace ainda mais esse interesse em participar e se envolver sem medo de ser incompreendida.

O professor contador pode adotar recursos lúdicos e técnicas para tornar a ação mais dinâmica e divertida. O uso de palitoques, fantoches, cenários, tom de voz, postura, uso do silêncio, imitações, expressão corporal e comunicação do semblante são algumas formas de executar a história, com o intuito de chamar a atenção dos ouvintes.

Pretendendo inicialmente saber o posicionamento das professoras sobre a utilização de recursos lúdicos, foi inserida no questionário, uma pergunta para verificar se ambas tinham conhecimento sobre o mesmo. Apresentaremos abaixo um quadro com o questionamento feito e as respostas de cada uma.

Quadro 6 - Pergunta presente no questionário acerca dos recursos lúdicos

5. VOCÊ UTILIZA RECURSOS LÚDICOS PARA INCREMENTAR A CONTAÇÃO? CASO SIM, QUAIS SÃO?		
Docente A	Docente B	Docente C
"Algumas vezes uso materiais estruturados, como figuras ou fantoches, ou objetos não estruturados que tomam forma a	"Sim, sempre que possível. Fantoches, teatro, palitoques e recursos sonoros."	"A voz, os gestos do corpo e faciais e dependendo da história fantoches e

partir da história."		instrumentos musicais."
----------------------	--	-------------------------

Fonte: Dados da pesquisa (questionário)

Trazendo suas respostas para a prática, vimos que a Docente B adotou três recursos na sua ação pedagógica. Primeiramente o fantoche, denominado de "Vovô Felício" que narrou à tela do artista Paraibano Clóvis Junior e seguidamente o teatro, cenário produzido para contar a história folclórica do Curupira em que os personagens eram feitos de palitoches. O uso destes chamou a atenção das crianças por ser algo diferente e divertido. Vale destacar que ao final da história, a professora permitiu que os alunos recontassem, apresentando os detalhes percebidos por eles. Embora as outras duas docentes tenham mencionado utilizar esses recursos, não foram identificados nas observações. Conforme Souza e Bernadino (2011),

Os bonecos atraem as crianças proporcionando o prazer de dar vida e voz a eles: graças ao fantoche e palitoches, pode-se superar a timidez que dificulta a comunicação e podem ser expressos sentimentos. O teatro de fantoches/palitoches ensina a criança a prestar atenção no mundo sonoro, é um excelente recurso didático onde os professores podem abordar assuntos do conteúdo programático, focalizando o interesse para o assunto proposto, enriquecendo a aula (SOUZA; BERNADINO, 2011, p. 244).

A docente C informou utilizar a voz, os gestos do corpo e as expressões faciais durante as suas contações de histórias. Nas duas observações, esses procedimentos foram visivelmente claros, tendo em vista que ela buscava assumir vozes para os personagens. Durante suas contações, as crianças pediam para que ela fizesse uma voz mais aguda para imitar a formiga e uma voz mais grave para imitar o cavalo, quando isso acontecia os pequenos gargalhavam e tentavam fazer o mesmo, demonstrando assim reciprocidade com a história. Conforme Abramovich (2008, p. 18) "Contar histórias é o uso simples e harmônico da voz. A expressão, a entonação bem usada repassando sentimentos e a clareza no dizer são técnicas fundamentais ao professor/contador."

As Docentes A e B também usufruíram dessas técnicas. Ao narrar buscavam falar alto e às vezes baixinho, de acordo com cada situação vivenciada pelos personagens. No caso do vovô Felício (fantoche utilizado pela Docente B) a professora passou a falar baixo e devagar, com voz masculina, representando assim, a forma de falar de alguns idosos.

As expressões faciais são formas de apresentar as emoções, é por meio delas que identificamos quando alguém está triste, com raiva, feliz, surpreso, etc. As docentes A, B e C utilizaram essas expressões junto com os gestos do corpo. Ao questionar sobre algo, por exemplo, franziam as sobrancelhas e levavam a frente às duas mãos, com a palma voltada para cima. Entendendo que se tratava de uma pergunta por observar a fala e a expressão facial, as crianças respondiam.

Dohme (2002) destaca a função do uso das expressões:

As emoções do nosso interior são transmitidas através da expressão do rosto. Tristeza, alegria, surpresa, espanto... a expressão facial poderá falar mais do que muitas palavras. Para desenvolver essa técnica é preciso treino. Temos que ter consciência de que é necessário exagerar um pouco quando se está interpretando. Não se deve ter medo do ridículo. Muitas vezes as pessoas tem o sentimento e por isso acham que estão transmitindo, mas isto não é verdade. O narrador pode até estar sinceramente emocionado, mas se a sua fisionomia estiver transmitindo pouco, ninguém perceberá e sua tarefa não será bem cumprida (DOHME, 2002, p. 33).

Outra técnica observada nas contações da Docente C foi o uso do silêncio. Em alguns momentos ela falou baixinho e disse: "Quem será que está na próxima página?" e ficava alguns segundos em silêncio, e então as crianças começavam a dizer "É a formiga!"; "É o fantasma assustador!"; "É o ovelha!" e assim elas interagiam. Logo após, a professora falou: "vamos descobrir?" e novamente ficava em silêncio, só depois de alguns segundos ela virava a página bem devagar, para deixar os alunos curiosos. Para Dohme (2000),

Pode parecer até engraçado, mas o silêncio fala, é uma forma de expressão. O narrador deve utilizar pausas, pois elas dão uma sensação de suspense e, conseqüentemente, valorizam o que se falará em seguida. Além disso, paradas bem estudadas dão tempo para as crianças organizarem suas ideias. (DOHME, 2000, p. 33).

Desse modo, vimos o quanto os recursos lúdicos e as técnicas de leitura são fundamentais para permitir que as crianças se envolvam, aprendam, questionem, proponham, criem e imaginem. A leitura deve ser sentida por elas como algo bom e não como um momento monótono, em que só a professora fala e o aluno apenas escuta. Vendo que as Docentes A, B e C se preocupam em utilizar esses meios para tornar a história mais dinâmica e valorosa, demonstra que elas conhecem as técnicas e as metodologias adequadas para uma narrativa de qualidade.

A contribuição da contação de histórias para a formação leitora e os desafios da prática

A contação de histórias na educação infantil tem uma função bastante rica para o desenvolvimento da criança. Em seu processo que é educativo, proporciona encanto, prazer e fantasias que são primordiais para o progresso na primeira infância. Ao ouvir histórias elas aprendem sobre condutas, respeito, amizade, lealdade, obediência, entre outras temáticas relevantes para sua formação pessoal e social.

Sendo assim, além de promover esses conhecimentos, essa atividade lúdica é um estímulo à leitura e por isso torna-se um canal para a escrita. Ao vivenciar com gosto práticas sociais de leitura, a criança sentirá vontade em participar e se envolver cada vez mais com elas, tornando-as um hábito. Ou seja, quanto mais cedo à criança tiver contato com livros, mais ela enxergará a leitura como prazer e não como uma obrigação. À vista disso, Souza e Bernadino (2011) asseveram que,

As narrativas estimulam a criatividade e a imaginação, a oralidade, facilitam o aprendizado, desenvolvem as linguagens oral, escrita e visual, incentivam o prazer pela leitura, trabalham o senso crítico, as brincadeiras de faz-de-conta, valores e conceitos, colaboram na formação da personalidade da criança, propiciam o envolvimento social e afetivo e exploram a cultura e a diversidade. (SOUZA; BERNADINO, 2011, p. 236).

Tendo em vista que a contação de histórias é uma estratégia pedagógica que tem a capacidade de desenvolver habilidades de leitura e escrita, se faz necessário inseri-la no planejamento curricular do professor. Visto que, é este profissional que será responsável por favorecer períodos dedicados a leitura na escola, por influenciar positivamente os alunos e consequentemente por empenhar-se em formar crianças que realmente gostem de ler e escrever por intermédio da narrativa.

Com o propósito de conhecer as opiniões das professoras observadas sobre as contribuições que a prática de narrar histórias proporciona as crianças da Educação Infantil, foi incluída no questionário, a seguinte pergunta:

Quadro 7 - Pergunta presente no questionário referente a contribuição da contação de história

6. Em sua opinião, que contribuições à prática de narrar histórias pode proporcionar aos alunos da Educação Infantil?		
Docente A	Docente B	Docente C
"Desenvolver o gosto pela leitura/ A ampliação do repertório cultural/Imaginação/Atenção/Fruição/ Escuta..."	"Estimula a imaginação, promove a socialização, melhora a oralidade, amplia o repertório cultural, além de desenvolver o prazer e o hábito de ler."	"O desenvolvimento de comportamentos leitores, oralidade, organização de narrativas e o principal, o prazer de ler e ouvir boas histórias".

Fonte: Dados da pesquisa (questionário).

Ao analisar as respostas das Docentes A; B e C no quadro acima, conseguimos identificar que as mesmas compreendem a função de uma narrativa oral nas turmas de educação infantil, pois apontaram contribuições como: desenvolver o gosto pela leitura, ampliação do repertório cultural, imaginação, atenção, escuta, socialização e o prazer em ler e ouvir histórias. Para Faria et al (2017),

Falar em contação de história voltada para o público infantil é um tema instigante, onde o leitor e o ouvinte se transportam por um mundo imaginário de sonhos e encantos, dando espaço também a criatividade, espontaneidade, interação e harmonia. (FARIA et. al, 2017, p. 45).

Portanto, se as docentes não possuísem o conhecimento teórico acerca dos objetivos de uma contação de história, não elencariam contribuições como estas apresentadas e defendidas por vários autores que trabalham com essa temática, também não usufruiriam de metodologias e técnicas para tornar o momento mais atrativo e dinâmico, pois se não compreendessem de que adiantaria pensar em formas específicas de executá-las?

Além disso, devemos levar em consideração que o docente não trabalha sozinho ou pelo menos não deve, precisa haver cooperação entre todos os outros profissionais da escola se tratando do incentivo à leitura. Pensando nisso, estas foram questionadas sobre projetos voltados a ação leitora, caso a escola possuísse.

Assim, a Docente A respondeu: "Sim, um projeto onde as crianças levam um livro, de sua escolha, para ler com os familiares no final de semana e realizam um livre registro sobre o mesmo, além de indicar se gostou ou não do mesmo."

A Docente B explanou: "Sim, um projeto de leitura de livros infantis no qual as crianças semanalmente levam um livro para casa e fazem um registro da leitura realizada com a família."

E por último, a Docente C informou: "Sim. a turma tem o projeto que cada semana as crianças levam um livro para casa e um caderno de registro de sua experiência com a leitura em casa. A escola promove a parada da leitura." O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) apoia esse incentivo para leitura no âmbito familiar ao declarar que,

Deixar as crianças levarem, um livro para casa, para ser lido junto com seus familiares, é um fato que deve ser considerado. As crianças desde muito pequenas podem construir, uma relação prazerosa com a leitura. Compartilhar essas descobertas com seus familiares é um fator positivo nas aprendizagens das crianças, dando um sentido mais amplo para a leitura. (BRASIL, 1998, p.135).

Diante dos dados, a escola apresenta um projeto de leitura que promove semanalmente o contato das crianças com livros de gostos pessoais, além de permitir que estas registrem em um caderno suas experiências com os livros, esta sim é uma forma de incentivar e auxiliar na formação de leitores, tendo em vista que os alunos precisam ser provocados a se dedicarem ao ato de ler.

Porém, embora essa ação da escola seja positiva, comumente surgem em algumas instituições dificuldades ao tentar executá-la, sabendo que ela depende de questões como: acervo de livros com qualidade, participação da família, recursos lúdicos e ambiente favorável. Pensando nisso, questionei as professoras se haviam desafios para a efetivação de atividades voltadas a leitura, logo, elas responderam:

Docente A: "Repertório de livros adequados à faixa etária e de qualidade." Docente B: "Conseguir trabalhar em conjunto com outros professores, de modo a preservar/valorizar os espaços voltados à leitura e a contação de histórias." Docente C: "A parceria com a família e o acervo."

Assim sendo, as docentes apontaram como desafios da prática, a escassez de livros de qualidade e voltados à faixa etária, parceria familiar, cooperação entre os professores e a valorização de espaços específicos para a leitura. Em caso dessas situações, resta ao professor utilizar sua criatividade para levar recursos com materiais recicláveis, criações de histórias, construções de espaços específicos, como o cantinho da leitura e outros elementos que podem ser pensados até onde suas imaginações alcançarem.

Nota-se que embora haja dificuldades e desafios ao propor atividades de contações de histórias, aparentemente as docentes A, B e C não deixaram de executá-las e de tê-las como instrumento capaz de influenciar e formar leitores. No último item do questionário que consistiu em solicitar que as professoras marcassem o nível de importância da narrativa de histórias (de 0 a 10) para as turmas da Educação Infantil, foi atingido 100% das respostas marcadas em 10, considerando ser muito importante.

Portanto, a análise dos dados coletados por meio dos instrumentos, mostrou que as docentes da educação infantil da EEBAS, integrantes da pesquisa, se preocupam em incentivar a leitura, a reconhece como valorosa e significativa, compreendem as metodologias e técnicas e faz uso de contações de histórias para auxiliar no desenvolvimento pleno da criança.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa, buscamos discutir acerca da importância da contação de histórias para a formação leitora das crianças na Educação Infantil, tendo como o elemento motivador, o profissional docente. Sabemos que na escola e mais especificamente em sala de aula, o educador é visto como uma “figura modelo” sobre quem algumas crianças se inspiram, por essa razão, ele pode ser um canal de incentivo a momentos de leituras que poderão ser responsáveis por tornar o ato de ler um hábito.

Ao analisar os dados obtidos por meio de questionários semiestruturados e observações simples, claramente as hipóteses iniciais desse estudo “caíram por terra”, tendo em vista que foi verificado e comprovado através das opiniões explícitas nos questionários e nas observações das práticas das narrativas orais, que a contação de histórias se faz presente em suas ações pedagógicas e que são compreendidas pelas professoras como uma atividade lúdica, responsável pelo desenvolvimento do gosto pela leitura.

Durante as observações, também foi possível identificar que as docentes da educação infantil que participaram da pesquisa, dominam as técnicas e metodologias para uma contação dinâmica. Visto que, em suas narrativas, buscavam fazer com que as crianças interagissem antes, durante e depois da leitura, levantando perguntas, permitindo diálogos, criação de hipóteses, incentivo a criatividade, exploração dos elementos do livro, como por exemplo: título, autor, ilustrador, imagens, entre outros.

Outras técnicas também foram utilizadas como: expressão facial, utilização da voz para fazer imitações, uso de fantoches, palitoches, cenário, recontação de histórias, pausa misteriosa, expressão corporal, e etc. Estes usos mostram que as professoras conhecem as formas específicas para tornar uma contação realmente boa, que agrada as crianças, que chamem a sua atenção e que provoquem nelas emoções intensas que farão com que elas queiram cada vez mais se envolver e participar das histórias em sua escola.

Durante as histórias narradas por estas professoras, notei que diferente das hipóteses levantadas a partir das observações feitas no Programa Residência Pedagógica - RP em que as crianças pareciam não se envolver com as narrativas e as professoras aparentemente não executavam com frequência as contações, nesta pesquisa pude verificar que essas professoras participantes não só executam como conseguem fazer com que as crianças interajam com os livros, colegas e o contador ao fazer perguntas, pedir para que elas imitem os personagens,

que opinem sobre as próximas ações destes, além de permitir que elas destaquem os detalhes que ficaram marcados na história.

Partindo dessa ideia, é possível que outras questões como: falta de incentivo da leitura pela família, indisposição de algumas crianças para ouvir as histórias, falta de livros específicos para a faixa etária ou outra problemática que merece uma nova pesquisa, impossibilitou as contações de histórias de qualidade naquelas observações na RP que provocaram a pouca efetivação de histórias e a falta de interação de algumas crianças em relação às narrativas.

Portanto, é confortador saber que as docentes da EEBAS prezam pela leitura de histórias com as turmas da Educação Infantil e que estão plantando uma semente leitora em cada criança. Elas não estão somente apresentando um universo mágico que é proporcionado pelo uso dos livros, que possibilitam com que os pequenos conheçam o mundo em que vivem de forma lúdica, mas também estão permitindo que estas crianças reflitam e se apropriem de conhecimentos que serão válidos por toda a vida.

Desse modo, como futura docente, pretendo utilizar a contação de histórias na minha prática, além de buscar a cada dia metodologias e técnicas para tornar esses momentos especiais e únicos para as crianças. Além disso, pretendo auxiliá-las sobre a importância da leitura em livros e a não substituição dela pelos meios digitais, visto que estes devem ser um complemento do que de fato fará a criança observar, aprender, refletir e criticar, que envolve a manipulação e interação com os livros físicos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Ed.Scipione, 5ª edição, 2008.

AMARILHA, Marly. **Infância e Literatura: Traçando a História**. V.10 e 11. N.2/1 Jul./Dez. 1999- Jan./Jun. 2000.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: Rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BOTINI, Gleise Aparecida Lenha verde; FARAGO, Alessandra Corrêa. **Formação do Leitor: papel da família e da escola. Cadernos de Educação: ensino e sociedade**. São Paulo, 2014.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: 3. Ed. MEC, 2001.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – Volume 1/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, SEB, dezembro 2017. (35 à 53)

_____. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192

CESAR, Cintia; MAGALHÃES, Linda Cristina; PEREIRA, Silvana; LEITE, Vânia Aparecida Marques. **As contribuições da contação de histórias como incentivo à leitura na educação infantil**. Revista interação, 2014.

DOHME, Vânia D' Angelo. **Técnicas de contar histórias**. São Paulo: Informal Editora, 2000.

FARIA, Ingrid Graciele; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. **A influência da contação de histórias na educação infantil**. Goiás: Ed. Mediação, 2017.

FONSECA, Edi. **Interações: com olhos de ler**. São Paulo: Ed Edgard Blucher, 2012.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Edit.Atlas, 2008.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**. São Paulo: Ed. Ática, 6ª edição, 2007.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 15ª edição, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. Cadernos de Pesquisas em Administração, v. 1, n.3, 2º sem., 1996.

PAIVA, Natália Moraes Nolêto de; COSTA, Johnatan da Silva. **A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça?**. Piauí, 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Rio Grande do Sul, 2013.

Programa Residência Pedagógica. Capes, UFPB, 01 mar, 2018. Disponível em: < <https://capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica> > Acesso em: 16 de agosto, 2019.

ROQUE, Cássia Lina Bittencourt; CANEDO, Maria Luiza. **A importância do incentivo à leitura nos primeiros anos da infância**. Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Chris Alves da; BRASIL, Weranice M.B; MELO, Nina Cláudia. **Letramento digital: Construindo o uso social das tecnologias de informação e comunicação na educação infantil**. Distrito Federal, 2009.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante; MAGIOLINO, Lavinia Lopes Salomão; ROCHA, Maria Silvia P.M. Librandi. **Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações /Crianças, linguagem e escrita: modos de apropriação**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.-1.ed. - Brasília : MEC /SEB, 2016. (81 à 118)

SOUSA, Franciele Ribeiro; STRAUB, Sandra Luzia Wrobel. **A arte de contar histórias na educação infantil**. São Paulo, 2014.

SOUZA, Linete Oliveira; BERNADINO, Andreza Dalla. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental**. São Paulo: Educereet Educare, revista de educação, 2011.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. **Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação**. Porto Alegre – Vol. 04 N. 01 – jan/jun 2008

ZILBERMAN, Regina. **A literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Ed.Global, 11, ed. rev. atual e ampl. 2003.

Apêndice A - SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA A PESQUISA**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA****SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA**

João Pessoa, 15 de Agosto de 2019.

Ao responsável pela Instituição “locus” da pesquisa

Eu, Keliane Lachietti Vieira de Melo, responsável principal pela pesquisa intitulada: Contação de Histórias na Educação Infantil: A Contribuição da Prática Docente na Formação de Leitores, vinculada ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, venho por meio deste, solicitar a autorização do Gestor da Escola de Educação Básica (EEBas), para realizar a pesquisa do meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, cujo objetivo é analisar qual a relevância dada pelos profissionais da Educação Infantil em relação a contação de histórias para a formação dos alunos, por meio da aplicação de questionários com os professores do turno da tarde e de observações da prática docente em sala de aula.

Este estudo está sob a orientação da Profª. Drª. Marlene Helena de Oliveira França.

Na certeza de contar com a autorização desta instituição, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente,

Keliane Lachietti Vieira de Melo
Keliane Lachietti Vieira de Melo - Orientanda
UFPB

Marlene Helena D. França
Profª. Drª. Marlene Helena de Oliveira França
Orientadora - UFPB


Patrícia Batista Bezerra Ramos
Coordenadora Geral EEBAS
SIAPE: 2332754

Apêndice B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa sobre “CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CONTRIBUIÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE NA FORMAÇÃO DE LEITORES”.

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho “Contação de Histórias na Educação Infantil: a Contribuição da Prática Docente na Formação de Leitores” tem como objetivo geral investigar se ocorre no fazer docente a utilização da contação, bem como a compreensão do profissional da Educação Infantil relacionada a essa prática.

Ao voluntário só caberá a autorização para responder o questionário e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) 98615-9592 com Keliane Lachietti Vieira de Melo
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Keliane Lachietti Vieira de Melo

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do Participante

Apêndice C - QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Prezado (a) professor (a), eu, Keliane Lachietti Vieira de Melo, estudante do 8º período do curso Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB estou realizando uma pesquisa intitulada **“CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CONTRIBUIÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE NA FORMAÇÃO DE LEITORES”**, como uma das principais etapas do desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, sob a orientação da Profª. Drª. Marlene Helena de Oliveira França.

Necessito de sua atenção e disposição para preencher este questionário, visto que busco compreender como a contação de histórias é vista e exercida por você, profissional docente da Educação Infantil. Desde já agradeço a colaboração e comprometo-me guardar o sigilo dos dados informados.

João Pessoa, ____ de ____ de 2019.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Data do preenchimento do questionário: ____/____/____

Sexo: Masc. () Fem. ()

Nome: _____

Formação: _____

Série que leciona: _____ Turno: _____

Quanto tempo você trabalha na sua função atual? _____

1. O ato de contar histórias está presente em sua prática docente?

Sim ☐ ☐ Não

2. Com que frequência você narra histórias para a turma?

- ☐ Não costumo contar histórias
- ☐ Uma vez por semana
- ☐ Mais de uma vez por semana
- ☐ Uma vez por mês
- ☐ Apenas quando a coordenação propõe

Outros: _____

3. “A contação de histórias é um instrumento importante para o desenvolvimento do gosto pela leitura.”

☐ NÃO CONCORDO ☐ CONCORDO ☐ CONCORDO PARCIALMENTE

4. Como ocorre o processo de escolha dos livros para a execução da contação de histórias?

5. Você utiliza recursos lúdicos para incrementar a contação? Caso sim, quais são?

6. Em sua opinião, que contribuições a prática de narrar histórias pode proporcionar aos alunos da Educação Infantil?

7. A escola possui algum projeto voltado para a leitura ou contação de histórias? Caso sim, explique sucintamente como funciona.

8. Quais os desafios enfrentados para a efetivação de atividades voltadas para a leitura?

9. De 0 a 10 marque qual o nível de importância da contação de histórias para as turmas da Educação Infantil.

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Obrigada pela cooperação!